

Universidade Estadual do Norte Fluminense
Centro de Ciências do Homem
Curso de Ciências Sociais

DESENVOLVIMENTO LOCAL
E CRIMINALIDADE URBANA EM MACAÉ/RJ

Campos dos Goytacazes, fevereiro de 2003.

Érica Tavares da Silva

DESENVOLVIMENTO LOCAL
E CRIMINALIDADE URBANA EM MACAÉ/RJ

Monografia apresentada ao Curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual do Norte Fluminense sob a orientação do Professor Doutor Ailton Mota de Carvalho, como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel.

Campos dos Goytacazes, fevereiro de 2003.

DESENVOLVIMENTO LOCAL
E CRIMINALIDADE URBANA EM MACAÉ/RJ

Érica Tavares da Silva

Monografia aprovada por:

Prof. Ailton Mota de Carvalho (Orientador)
Doutor em Sociologia pela UNB

Prof. Carlos Henrique Aguiar Serra
Doutor em História Social pela UFF

Prof. José Glauco Ribeiro Tostes
Doutor em Química pela UNICAMP

“Lembre a todos que se sujeitem aos governantes e às autoridades; sejam obedientes, estejam sempre prontos a fazer tudo o que é bom. Sejam pacíficos, amáveis e mostrem sempre a verdadeira mansidão para com todos os homens”.

(Tito 3: 1-2)

Agradecimentos

Em primeiro lugar ao meu Deus, toda honra, toda glória e todo louvor pelos seus grandes feitos.

Agradeço a minha família que me deu todo apoio necessário, que esteve sempre presente, tanto nas lutas quanto nas vitórias; meus queridos pais que sempre me acolheram e me ajudaram a chegar até aqui.

Aos meus amigos tão especiais, pois lutamos sempre juntos nesta caminhada. Foram preciosos momentos de alegria, dedicação e apoio, agradeço a Ana Laura, Carla, Emmanuelle e André Lourenço. Agradeço a André Pizetta, pelos seus conselhos nos momentos apropriados. Agradeço especialmente a Leonardo, por ser um grande companheiro, pois, nesta trajetória, foi uma pessoa fundamental em todos os momentos.

A todas as pessoas do SEUR, meu agradecimento pelo apoio profissional, pelo carinho e amizade que sempre cultivamos. Agradeço ao Prof. Ailton por sua orientação e carinho; além de professor será sempre um grande amigo. Enfim, a todos os colegas, professores e funcionários do CCH, obrigada pela ajuda e pela preciosa contribuição em minha formação.

A todos vocês, meu eterno agradecimento.

Sumário

Resumo.....	VIII
Introdução.....	09
Capítulo 1 – Considerações Teóricas.....	12
1.1 – As metamorfoses da Cidade.....	14
1.2 – Violência: produção social e fenômeno estrutural.....	16
Capítulo 2 – Criminalidade Urbana no Estado do Rio de Janeiro e em Macaé (1998-2002).....	20
Capítulo 3 – Indústria, Cidade e Violência.....	27
3.1 – Desenvolvimento Local e Criminalidade em Macaé: Algumas Contradições.....	30
3.2 – Análise das Ocorrências Criminais na 34ª AISP e 123 DP de 1998 a 2002.....	36
Capítulo 4 – Percepção da População Macaense Sobre a Violência na Cidade.....	46
Conclusão.....	50
Anexos.....	52
Referências Bibliográficas.....	54

Índice de Tabelas

Tabela 1 - 34ª AISP (2002).....	21
Tabela 2 – Estabelecimentos industriais por classes 1997-1999.....	32
Tabela 3 – Taxa de Crescimento, Urbanização e Densidade Demográfica.....	32
Tabela 4 – Pessoas não-residentes em Macaé, por origem migratória segundo as Regiões de Governo e municípios 1996.....	33
Tabela 5 – Evolução da População de Macaé 1940-2000.....	34
Tabela 6 – Porcentagem das ocorrências da 34ª AISP na delegacia de Macaé.....	36
Tabela 7 – Ocorrências Referentes aos Anos de 1998 a 2002.....	38
Tabela 8 – Crescimento percentual das ocorrências por ano.....	38
Tabela 9 – Percepção da população sobre os problemas em Macaé (2002).....	47
Tabela 10 – Citação da violência por bairro em Macaé (2002).....	48

Índice de Figuras

Figura 1 – Circunscrições das Áreas Integradas de Segurança Pública RJ (2002).....	22
Figura 2 – Vítimas de Homicídios Dolosos por cem mil habitantes RJ (delegacias distritais) – 2002.....	23
Figura 3 – Roubos e Furtos de Veículos Registrados pelas Delegacias Distritais (RJ) – 2002.....	24
Figura 4 – Esquema: Desenvolvimento Local e Urbanização e Criminalidade.....	30
Figura 5 – Variação Mensal do Emprego Formal em Macaé 1997-2002.....	35
Figura 6 – Homicídios registrados pela 123 DP entre 1998-2002.....	40
Figura 7 – Apreensão de Armas Registradas pela 123 DP 1998-2002.....	41
Figura 8 – Apreensão de Drogas registradas pela 123 DP entre 1998-2002.....	43
Figura 9 – Indivíduos que associaram estes problemas à indústria de petróleo em Macaé (2002).....	48

Resumo

Este trabalho aborda o tema da criminalidade urbana associada aos processos de urbanização e desenvolvimento local, devido ao crescimento industrial; trabalha com as diversas conseqüências sociais que estes processos acarretam, enfocando a questão da violência. Realizamos um enfoque teórico sobre o tema, relacionando indústria, cidade e criminalidade. Estudamos o crescimento de Macaé, município que vem despontando na Região Norte Fluminense como pólo de desenvolvimento e atração de negócios na área de petróleo e outras atividades que este setor abrange. Desde a década de 80, Macaé vem experimentando muitas transformações em suas atividades econômicas, que desencadearam processos de rápida urbanização e crescimento populacional, entre outros, tendo a criminalidade como um de seus grandes problemas.

Palavras-chave: Criminalidade urbana, violência, desenvolvimento local, urbanização, Macaé.

INTRODUÇÃO

A violência urbana é um tema dos mais atuais, ocupando as manchetes dos meios de comunicação diariamente. É um conceito muito amplo e impreciso que adquire concretização ao contabilizarmos os indicadores de criminalidade. A transgressão às leis e às normas da sociedade tem gerado crescentemente sentimentos de insegurança e uma sociedade cada vez mais devastada pelo medo, que busca mecanismos diversos para superar o problema, mecanismos tais que podem até contribuir de forma negativa para esse quadro, que já se encontra tão perverso.

Um outro aspecto deste problema social é que ele geralmente está associado ao processo de urbanização descontrolado, aliado a condições econômicas adversas que não permitem uma inserção social de algumas camadas da população, relegando-as ao mundo da marginalidade, tanto econômica como social. Com base nestes antecedentes históricos, este estudo aborda o tema da violência urbana como variável dependente de uma série de fatores. Nossa hipótese é a de que o desenvolvimento rápido e descontrolado pode garantir o crescimento econômico, mas pode gerar também inúmeras conseqüências sociais, dentre elas a expansão da criminalidade urbana.

Escolheu-se como base do estudo de caso o município de Macaé, Estado do Rio de Janeiro, que vem passando por grandes transformações econômicas, sociais e espaciais em torno da produção de petróleo e suas externalidades. Alguns estudos já realizados apontam na direção de um crescimento urbano acelerado, fruto da migração, e para um aumento de problemas sociais, entre eles a violência.

Primeiramente, realizamos um levantamento bibliográfico para uma abordagem teórica sobre o tema, trabalhando com os conceitos ligados ao estudo como crime, violência urbana, urbanização, industrialização, desenvolvimento local, utilizando alguns autores e suas idéias que norteiam nosso estudo. Procuramos também traçar um quadro da criminalidade urbana no Estado do Rio de Janeiro, especificamente na nossa área de estudo, a partir de alguns dados oficiais e notícias de jornais e revistas nacionais e locais.

Como parte central do trabalho, buscamos associar os temas em questão, valendo-nos de alguns autores, que tratam de forma mais específica a questão da violência e da criminalidade na área urbana e sua associação com o desenvolvimento industrial nas

cidades e a urbanização Para tanto, nos servimos de alguns dados referentes a estes fenômenos na área de Macaé, estabelecendo algumas ligações entre eles. Utilizamos diversas fontes secundárias como dados do Centro de Informações e Dados do Estado (CIDE-RJ), e do Tribunal de Contas do Estado (TCE-RJ), para coletar informações sobre o desenvolvimento local na área de Macaé.

Foram realizadas consultas às Polícias Militar e Civil. Utilizamos alguns dados de órgãos de estudo de segurança, como o Centro de Estudos de Segurança e Cidadania (UCAM) e o Núcleo de Pesquisa e Análise Criminal (Nupac) da Secretaria de Segurança Pública do Estado. Trabalhamos com dados da 123 DP, delegacia em Macaé. Os relatórios anuais dos cinco anos de estudo (1998-2002) foram as principais fontes de nosso estudo, na compreensão da dinâmica dos crimes ocorridos no período.

Realizamos entrevistas com representantes diretos da segurança pública na região de estudo, como delegados e comandante do 32º Batalhão da Polícia Militar, em Macaé; além de entrevistas com autoridades ligadas ao governo local.

Para medir a correlação entre algumas variáveis de estudo, utilizamos um teste estatístico, que visa medir o sentido e a intensidade de correlação entre duas variáveis, trabalhamos com o coeficiente de correlação linear de Pearson (r).

Na parte final, trabalhamos com a questão da percepção da população sobre a atuação da indústria de petróleo na cidade de Macaé. Foram aplicados 400 questionários em toda a área urbana do município, registrando a percepção da população local sobre o tema. Os questionários foram aplicados por domicílio nos bairros da cidade de acordo com a população destes, sendo um respondente por domicílio que tivesse 18 anos de idade ou mais.

Na fase final do estudo, foi realizada uma pesquisa em jornais dos anos de 1998 a 2002. Trabalhou-se com o jornal O Debate; a escolha por este jornal se deve ao fato de ser o único jornal diário do município, abrangendo também alguns municípios vizinhos. A pesquisa tinha por objetivo obter algumas explicações sobre o comportamento das taxas de criminalidade no período, atentando para fatos e movimentos que poderiam exercer alguma influência sobre os registros de ocorrências criminais na área de estudo.

Na verdade, a criminalidade – apesar de já sabermos que é bastante elevada em alguns lugares; de sempre que, ao abrirmos um jornal, sabermos que vamos encontrar alguma notícia ligada a crimes, violência na cidade ou drogas – ainda nos causa muito temor e assusta a muitos.

CAPÍTULO 1 – CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

Para estudarmos um fenômeno social, como a criminalidade e a violência urbana, é importante estudarmos a sociedade que produziu os indícios desse fenômeno, suas características e suas transformações. Na verdade, os crimes cometidos na área urbana fazem parte de um contexto histórico específico e possuem algumas características sociais, que assumem algumas formas de manifestação. É certo que, mesmo diante de suas peculiaridades, é um fenômeno que tem atingido uma amplitude surpreendente nos últimos anos, alcançando das grandes metrópoles brasileiras a cidades do interior.

Segundo Ermínia Maricato¹, foi nas décadas perdidas² que a concentração da pobreza se evidenciou na área urbana, e foi também nesse período (anos 80 e 90) que a sociedade brasileira conheceu o fenômeno da violência urbana, com um grande crescimento do número de homicídios. Segundo a autora, um dos indicadores mais expressivos da piora das condições de vida urbana é o aumento da violência a taxas nunca vividas anteriormente pelas metrópoles brasileiras.

De acordo com Peter Burke³ a violência urbana não é novidade, mas por outro lado, não é uma constante na história, nem mesmo nas grandes cidades. Segundo este autor, a idéia de que tendências demográficas podem estar relacionadas, de alguma forma, a variações nos níveis de violência deve ser estudada, não implicando uma relação necessária entre estas realidades, mas não ignorando que ela existe em determinados contextos. Uma confirmação desta relação estaria, por exemplo, nos índices sobre criminalidade que demonstram, com freqüência, que os mais atingidos pela violência urbana são homens jovens e adultos.

O estudo do crime também pode relacionar-se com o sistema capitalista, uma vez que este sistema gera contradições inerentes a ele próprio, sem as quais não seria o capitalismo de diferenças.

A concentração de riquezas é elevada e o grande número de desempregados (o exército de reserva) evidencia as desigualdades e contradições do capitalismo. Não é uma

¹ Ermínia Maricato. Brasil, cidades. Alternativas para a crise urbana. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

² A autora aborda sob o nome “décadas perdidas” os anos 80 e 90. Maricato não faz uma associação entre pobreza e violência urbana, apesar de falar desta forma.

³ Peter Burke. “Violência urbana e civilização”. In: OLIVEIRA, Nilson Vieira (org.) Insegurança Pública: Reflexões sobre a criminalidade e a violência urbana. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

relação direta e de forma mecânica entre capitalismo e violência, sabemos que essa ligação existe, afinal as contradições geram criminalidade e a estrutura de dominação também faz uso do crime. Não estamos afirmando que apenas o sistema capitalista é gerador de violência. Na atualidade, em qualquer país do mundo, a violência tem sido um fenômeno sempre presente; temos acesso diariamente a informações oriundas de todo lugar que tratam de tragédias, mortes, guerras e tantos outros fatos que representam esse fenômeno.

Acrescente-se a isso o tráfico de drogas que gerou novas formas de criminalidade associadas também a novas formas de violência. Parece existir mesmo uma confusão entre ordem e desordem, entre aquilo que é legal e ilegal, confusão esta ligada ao grande clima de negócio e lucro que este fenômeno engendra.

A modernização, a industrialização, o crescimento urbano trazem grandes transformações econômicas, mas também sociais. Em muitas sociedades contemporâneas que vivem rápidas e grandes mudanças sociais, a associação entre estas transformações e o crescimento da violência se faz presente. De acordo com os pressupostos clássicos da economia, a industrialização é o fator catalisador do crescimento econômico. Uma perspectiva mais crítica encara o desenvolvimento como um processo de mudanças estruturais, sociais e políticas, e não somente a partir de indicadores de crescimento econômico.

Porém, o crescimento econômico e aumento da riqueza de um município não significam exatamente desenvolvimento econômico com qualidade de vida. O crescimento industrial exerce grande influência sobre a dinâmica social e populacional no espaço. Simon Schwartzman⁴ fala a respeito de diversas abordagens de planejamento político e dos estudos e pesquisas na área de indicadores sociais, o crescimento econômico é um fator que traz consigo problemas e tensões sociais. De acordo com esta afirmativa o aumento da riqueza pode gerar uma série de deslocamentos populacionais, desorganização de sistemas sociais previamente estabelecidos, crises institucionais de vários tipos; que tornam evidentes problemas sociais como a criminalidade, desemprego, densidade populacional excessiva, poluição etc., problemas estes que se revelam com frequência na área urbana.

⁴ Simon Schwartzman. “Desenvolvimento Social E Qualidade De Vida: Algumas Perspectivas De Pesquisa”. Fortaleza: Revista de Ciências Sociais, 1974, pp. 101-111.

A violência é um termo utilizado para descrever situações muito distintas. Há uma diferença entre ato violento e o registro correspondente; muitas ações violentas não são registradas. O delito é a quebra da lei, está relacionado a códigos vigentes em determinadas épocas em cada sociedade, e constitui um crime. A violência pode ser classificada a partir de vários itens; do tipo de pessoa que sofre, da natureza da ação, do motivo, do lugar onde ocorreu etc., existindo dois grandes grupos nesta classificação: a violência intencional e a não intencional, a diferença está em que na primeira há uma intenção de causar dano, como homicídios, suicídios, lesões intencionais; na segunda, a ação criminosa (que também não deixa de causar dano) não é resultante de uma prévia intenção por parte do agressor.

A frequência de determinadas formas de violência pode gerar uma sociedade com sensação profunda de insegurança social. “Os regimes políticos, nacionais ou municipais, são com frequência as verdadeiras vítimas ou objetos da violência, seja dirigida contra as autoridades ou contra os prédios onde trabalham”⁵.

O fenômeno da violência atinge dimensões que muitas vezes não temos idéia. Quando os níveis de criminalidade estão bastante elevados em uma determinada área, especialmente a criminalidade violenta, o medo e a insegurança da população ameaçam a própria qualidade de vida nesta região; as pessoas permanecem trancafiadas em casa, deixam de se organizar, não participam das decisões locais. As pessoas se armam e se preparam para enfrentar os perigos como se estivessem numa guerra; tudo isso acaba afetando negativamente as regras de convivência social.

1.1 – As metamorfoses da cidade

As mudanças populacionais associadas às mudanças no espaço físico da cidade podem afetar profundamente essa construção do medo nos moradores. A questão não é apenas a respeito dos criminosos que transgridem as leis, mas da justiça que não funciona, da polícia que falha e que, em muitos casos, ela própria também transgredir as leis.

A violência urbana sugere a idéia de cidade, imputando ao espaço chamado cidade a capacidade de gerar violência; na verdade, a cidade não é a causa da violência, é apenas um dos contextos no qual ela se manifesta. Sabemos que a violência atinge todas as áreas de

⁵ Peter Burke, op. cit, p. 32.

uma sociedade, não estamos afirmando, portanto, que no campo a violência não ocorre, aliás, determinados tipos de crime ocorrem com mais frequência neste ambiente. Trabalhar com o espaço urbano, a violência e o medo equivale a trabalhar também com a política criminal ligada a estas questões. A naturalização dos discursos segregadores produz conseqüências estéticas e transformam a cidade. Estes discursos afetam as políticas urbanas e produzem hierarquias na cidade.

A cidade é considerada como uma arena ou conjunto de arenas para diferentes tipos de atividade, determinados processos econômicos e sociais desencadeados na cidade influenciam na geração de violência. Bresciani, ao tratar sobre o crescimento da área urbana em Londres e Paris, no século XIX, aborda as várias faces do fenômeno da cidade. A pobreza, a mendicância e a criminalidade se confundiam num cenário caótico, que traz a idéia de uma grande desordem. A dinâmica da cidade, o trabalho dos operários nas fábricas faz surgir uma nova noção de tempo, o tempo da cidade, o tempo produtivo, que gera abundância e riqueza.

O crescimento econômico acarreta consigo um certo custo social, faz crescer uma aglomeração urbana, que possui efeitos devastadores. As casas, as ruas e a população vão crescendo sem planejamento. Muito se verifica, no período que Bresciani descreve, a ocorrência de crimes contra a propriedade, crimes contra o patrimônio; as condições de moradia eram péssimas e a superpopulação era evidente. Acreditava-se na degradação física e moral dos homens que habitavam nesses bairros pobres. Os escritores da época manifestavam com frequência sua preocupação com a crescente onda de crimes e os ataques à propriedade. Londres foi se tornando o símbolo das más conseqüências da vida urbana e da industrialização. Porém, Bresciani afirma que:

“A degradação do trabalhador não se deve a algo inerente ao homem pobre, uma moralização deficiente como para os ingleses, mas às contingências do seu cotidiano, que os fazem deslizar com rapidez da fraqueza física à impotência moral. Afinal, trata-se de homens submetidos ao estrito império da necessidade”⁶.

⁶ Maria Stella M. Bresciani. Londres e Paris no século XIX: O espetáculo da pobreza. 7ª ed. Coleção Tudo é história. São Paulo: Editora Brasiliense, 1992, pp.62-63.

Sendo assim, a cidade está relacionada a urbanização, industrialização e maior densidade demográfica, gerando um contexto próprio que pode acarretar manifestações criminosas, ou seja, delitos como homicídios, posse ilegal de armas, furto e roubo de veículos, roubo a estabelecimentos financeiros e comerciais, tráfico de drogas. Nos dias atuais, prédios, mecanismo de segurança privada e condomínios fechados demonstram que a violência e a insegurança deixam muitos traços na paisagem urbana.

1.2 – Violência: produção social e fenômeno estrutural

Esse contexto revela um meio urbano associado a uma dinâmica desordenada, tendo a violência como um de seus fenômenos mais destrutivos. Existem diversas teorias que exprimem explicações acerca deste fenômeno, como, por exemplo, as teorias referentes às condutas desviantes. Segundo Robert Merton, a anomia consiste na dissociação das condutas conforme sua orientação em relação a fins, ou aos meios para atingi-la, portanto, os fins aos quais os indivíduos se propõem, nestes casos, seriam moralmente aceitáveis, mas os meios para atingir esses objetivos revelariam uma conduta desviante. Já a idéia de anomia em Durkheim se baseia na decomposição das normas e dos vínculos tradicionais, levando a um individualismo crescente, onde os indivíduos buscam o lucro de qualquer forma⁷.

Para Durkheim, aqueles que não se submetem às convenções humanas, representadas pelos fatos sociais, sofrem obstáculos e são impedidos por sanções diversas. Em uma sociedade, existem indivíduos que podem divergir mais ou menos do tipo coletivo, entre estas divergências existem aquelas que apresentam caráter criminoso. O crime está disseminado em todas as sociedades e está ligado às condições fundamentais de toda vida social. Segundo este autor, os atos qualificados de crimes não são os mesmos em toda parte; o crime provoca uma ruptura nos elos de solidariedade, e sua reprovação confirma os valores e sentimentos comuns.

⁷ Luís Flávio Saporì; Cláudio Burian Wanderley. “A Relação entre o Desemprego e a Violência na Sociedade Brasileira: Entre o Mito e a Realidade”. In: Cadernos Adenauer II (2001), n° 1. A Violência do Cotidiano. São Paulo: Fundação Konrad Adenauer, março de 2001, p. 46.

“Chama-se crime, todo ato que, num grau qualquer, determina contra seu autor uma reação característica a que chamamos pena. Os crimes, em toda parte, afetam da mesma maneira a consciência moral das nações e produzem a mesma consequência”.⁸

A atividade econômica tem acompanhando a civilização, mas ela não serve para o progresso da moral. “É nos grandes centros industriais que os crimes e os suicídios são mais numerosos”⁹.

Essas teorias da anomia e da desregulação social sugerem que a falta de posses econômicas reduz a coesão social e a ordem moral de uma sociedade, provocando um incremento na ocorrência de delitos. Elas acabam por estabelecer que os indivíduos mais pobres têm uma razão custo/benefício maior no momento de executar um crime. Essa noção de privação econômica e criminalidade acaba por reforçar a criminalização da pobreza, encobrendo as reais condições estruturais e a exclusão de muitos que vivem na marginalidade, ou seja, à margem da sociedade que tem acesso à educação, à saúde e, entre outros bens públicos, à própria segurança.

Sobre a exclusão, Zaffaroni nos lembra que um dos efeitos mais desastrosos da globalização é o desemprego estrutural que a mesma produz, criando nos países latino-americanos uma massa de excluídos que não responde a dialética explorador/explorado, mas sim a uma não relação entre excluído/incluído. Para este autor, a função do político nos níveis locais, nas províncias e municípios é “gerar as condições básicas de satisfação elementar de alimentação, higiene, saúde e, sobretudo, educação, entendida como a capacitação para que a população possa apoderar-se do saber democratizado”¹⁰.

A questão da violência tem sido naturalizada por diversas instâncias que exercem a dominação, porém a “não-inclusão” não é natural; a violência está nos conflitos econômicos, sociais, políticos, étnicos, na história do nosso país, sendo produzida socialmente. Portanto, essa violência é estrutural e, segundo alguns autores como Filho e Neder, utilizada como forma de manutenção da ordem ideológica vigente.

⁸ Émile Durkheim. *Da Divisão do Trabalho Social*. São Paulo: Martins Fontes, 1999, pp. 39-40.

⁹ Idem, p. 30.

¹⁰ Eugênio Raúl Zaffaroni. “Globalização e sistema penal na América Latina: da segurança nacional à urbana”. In: *Revista Discursos Sediciosos*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1997, p.36.

“Se a violência e a criminalidade urbana aumentaram no Brasil, acreditamos tratar-se de um aumento proporcional ao aumento da densidade populacional registrada especialmente nos grandes centros urbanos. Assim, há que se considerar que, de fato, a violência e a criminalidade aumentaram na última década, só que proporcionalmente ao crescimento e fortalecimento do capitalismo no Brasil, com uma conseqüente industrialização altamente concentrada, acompanhada de um rápido crescimento do processo de urbanização”.¹¹

A magnitude da ação que os órgãos do governo exercem sobre a quantidade e qualificação dos atos criminosos dependerá da força que esses órgãos possuem. Neste caso, a força de uma sociedade estaria concentrada na força das suas instituições em promover uma integração social, ou poderíamos dizer, uma inserção social. As contradições internas de uma sociedade fazem aumentar as tensões e conflitos.

Diante das situações de conflito geradas pelo contexto contraditório é que entraria o Estado, com seu papel de construção e efetivação da democracia. Apenas a interferência do Estado pode fazer com que a lei comum seja respeitada – tanto por civis quanto por militares – controlando a transgressão e exercendo a punição, garantindo assim o funcionamento adequado de suas instituições. O direito de matar da polícia, por exemplo, não deve estar acima da lei; o papel da polícia do Estado de direito é preservar a lei e não de matar.

“É, sobretudo, a ausência de mecanismos de regulação apropriados a um novo tipo de sociedade emergente que explica a importância dos fenômenos de violência (...), quer sejam aqueles ligados à desorganização social nas periferias pobres – como em São Paulo; quer sejam aqueles ligados a um narcotráfico militarizado, - como no Rio de Janeiro. No Brasil, a violência assume formas sangrentas, devido à ausência de políticas suscetíveis de garantir a ordem pública, preservando-se ao mesmo tempo os direitos da pessoa”.¹²

¹¹ Gisálio Cerqueira Filho; Gizlene Neder. Violência e Conciliação no dia-a-dia. Porto Alegre: Sérgio Fabris, 1987, p.61.

¹² Angelina Peralva. Violência e democracia: o paradoxo brasileiro. São Paulo: Paz e Terra, 2000, p. 85.

Peralva aborda, em grande parte, a ineficiência das instituições responsáveis pela ordem pública. A polícia é encarada como violenta e corrompida, e vai se apresentando como ineficaz em manter a ordem e combater a criminalidade. A impunidade vai contribuindo para o crescimento da delinqüência e os crimes de oportunidade. Diante da crescente violência na sociedade civil, diversas formas de crime vão se banalizando, com a inexistência de uma arbitragem legal, e a violência vai sendo cada vez mais encarada de uma forma natural.

Com a modernização, sobrevêm também o individualismo, o desemprego, a informalidade e a precariedade. Sendo assim, as transformações econômicas ligadas a mudanças sociais e culturais evidenciam a crise urbana por que passam muitas cidades nos dias de hoje.

CAPÍTULO 2 – CRIMINALIDADE URBANA NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO E EM MACAÉ (1998-2002)

Em matéria da revista Isto é¹³, de 04/06/2003, alguns números oficiais demonstram que a violência e o crime organizado estão cada vez mais atingindo inúmeras partes do país. Foram divulgadas algumas taxas referentes a vários crimes nas capitais do Brasil, apresentando que, assim como o crime organizado, o crime desorganizado do dia-a-dia cresce bastante e apresenta enorme gravidade.

O exponencial crescimento da violência nos faz viver uma verdadeira guerra, apesar de não declarada. Na verdade, entramos no século XXI com o registro de um recorde fantástico: 50 mil homicídios. Em 1980 eram dez mil. Saltaram para 25 mil em 1990. Em 2000, foram 40 mil. Só na Região Sudeste, em apenas um ano, as 30 mil baixas computadas igualam o número de mortos em 10 anos da cruelíssima guerra civil da Colômbia¹⁴.

O país passa por um período em que a segurança pública tem sido um fator de análise e preocupação por diversos setores da sociedade. A violência é um fenômeno crescente em quase todo o território nacional. Crimes como roubo, furto e homicídios aumentam a cada dia, e manifestam-se com frequência associados ao fenômeno do tráfico de drogas, que tem atingido várias camadas e áreas do Estado. A criminalidade brasileira não é fruto apenas da miséria, mas do desenvolvimento descontrolado que inchou a periferia dos centros urbanos mais ricos. Existe uma massa da população urbana que convive com a abundância e a riqueza, beneficiando-se dela, se comparada a Estados menos desenvolvidos, mas que não se integrou nem possui condições suficientes de se integrar e ter acesso a inúmeros bens e riqueza.

No Estado do Rio de Janeiro a situação não é diferente, aliás, tem se encontrado num contexto bastante problemático. Além das inúmeras complicações na área de segurança pública na capital, que envolve principalmente o crime organizado e o império do tráfico de drogas, está ocorrendo uma migração deste fenômeno e de alguns de seus

¹³ Revista Isto é: *Números oficiais comprovam que a violência e o crime organizado estão em todas as partes do país*, 04-06-2003.

¹⁴ Ib Teixeira. A Violência sem retoque. A alarmante contabilidade da violência. Rio de Janeiro: UniverCidade, 2002, p. 40.

maiores representantes, para o interior. Índices de violência têm demonstrado que a criminalidade tem crescido mais em cidades antes consideradas “pacatas”, no interior do estado, do que na capital e na Baixada Fluminense.

Em 14/08/1999¹⁵, os jornais anunciavam a criação das AISP, as chamadas Áreas Integradas de Segurança Pública, constituindo uma organização sistemática de atuação das forças policiais que dividiu o território do Estado do Rio de Janeiro em 36 AISP, organizadas em torno de cada uma das unidades da Polícia Militar (batalhões, companhias independentes etc.), atuando de forma coordenada com as delegacias de polícia próximas e contidas na mesma área delimitada. Hoje, já são 39 AISP's. A área referente a Macaé ficou inserida na 34ª AISP¹⁶, que circunscreve os municípios de Casimiro de Abreu, Conceição de Macabu, Macaé, Quissamã, Carapebus e Rio das Ostras; é composta pelas seguintes delegacias: **121ª D.P.** – Casimiro de Abreu; **122ª D.P.** – Conceição de Macabu; **123ª D.P.** – Macaé e **128ª D.P.** – Rio das Ostras. Estas delegacias correspondiam à **5ª CIPM**. Em 1999, também foram criados os Conselhos de Segurança Pública em todo o estado¹⁷.

Tabela 1 - 34ª AISP (2002)					
Delegacias		Circunscrições	População residente 2002		
Nº	Nome	Municípios	Municípios	Delegacias agregadas	AISP
121	Casimiro de Abreu	Casimiro de Abreu	23.187	23.187	249.424
122	Conceição de Macabu	Conceição de Macabu	19.065	19.065	
123	Macaé	Macaé	142.998	166.202	
		Quissamã	14.254		
		Carapebus	8.950		
128	Rio das Ostras	Rio das Ostras	40.970	40.970	

Fonte: Diário Oficial do RJ – www.novapolicia.rj.gov.br

Apresentamos o mapa das Circunscrições das Áreas Integradas de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro, e as ocorrências mapeadas por delegacias distritais, referentes ao número de homicídios dolosos e roubos e furtos de veículos registrados em 2002, a fim de compreender o contexto da segurança pública no estado.

¹⁵ Jornal O Debate: *Garotinho divide Estado em 36 áreas para melhorar segurança*, 14-08-1999.

¹⁶ No primeiro semestre de 2002, estas delegacias passaram a compor a 32ª AISP, mas a circunscrição é a mesma; como nosso estudo trabalha no período de 1998-2002, permaneceremos com referência a 34ª AISP.

¹⁷ Jornal O Debate: *Governador cria Conselho de Segurança Pública no Rio*, 05-01-1999.

Figura 1 – Circunscrições das Áreas Integradas de Segurança Pública RJ (2002)

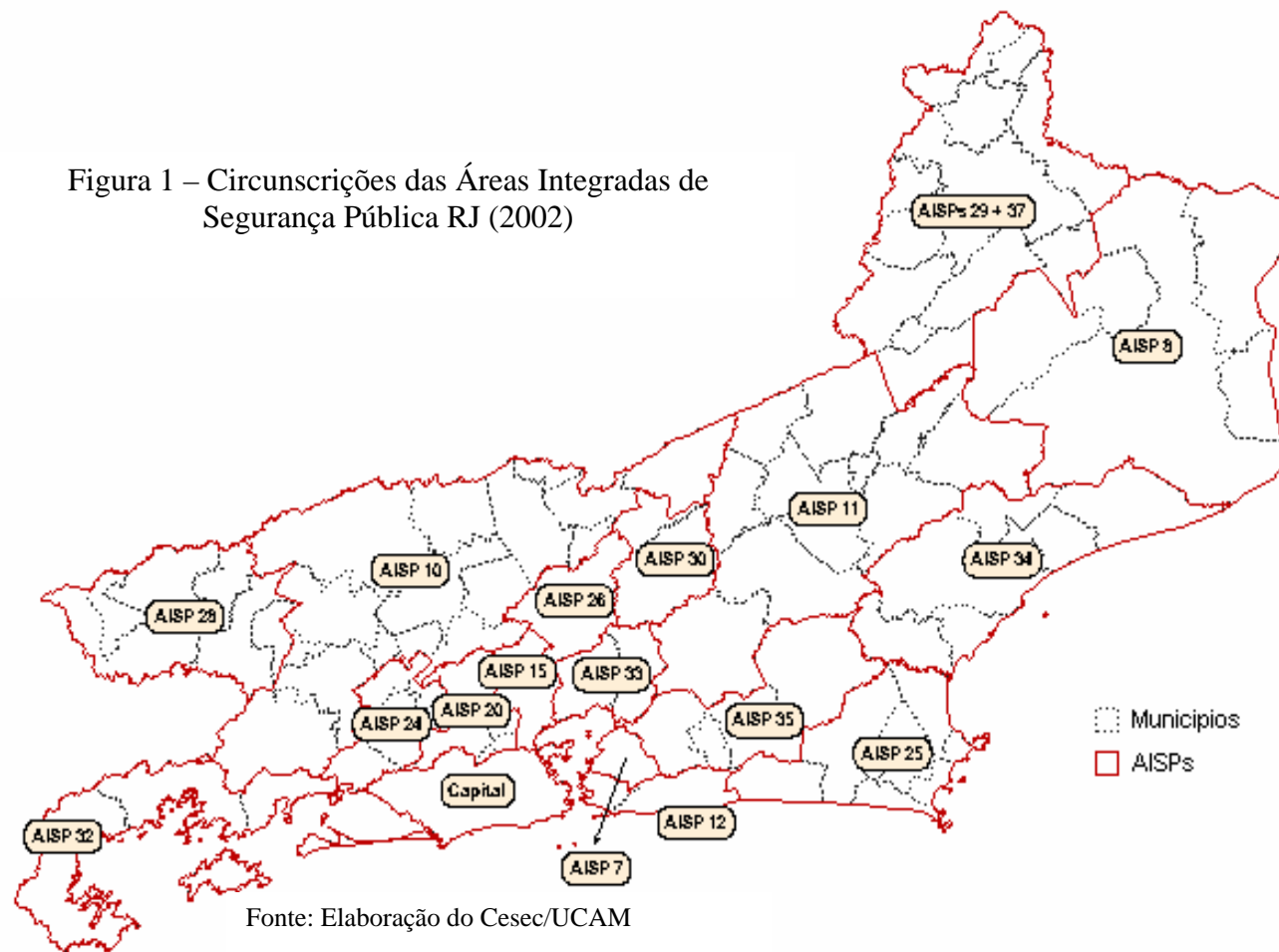
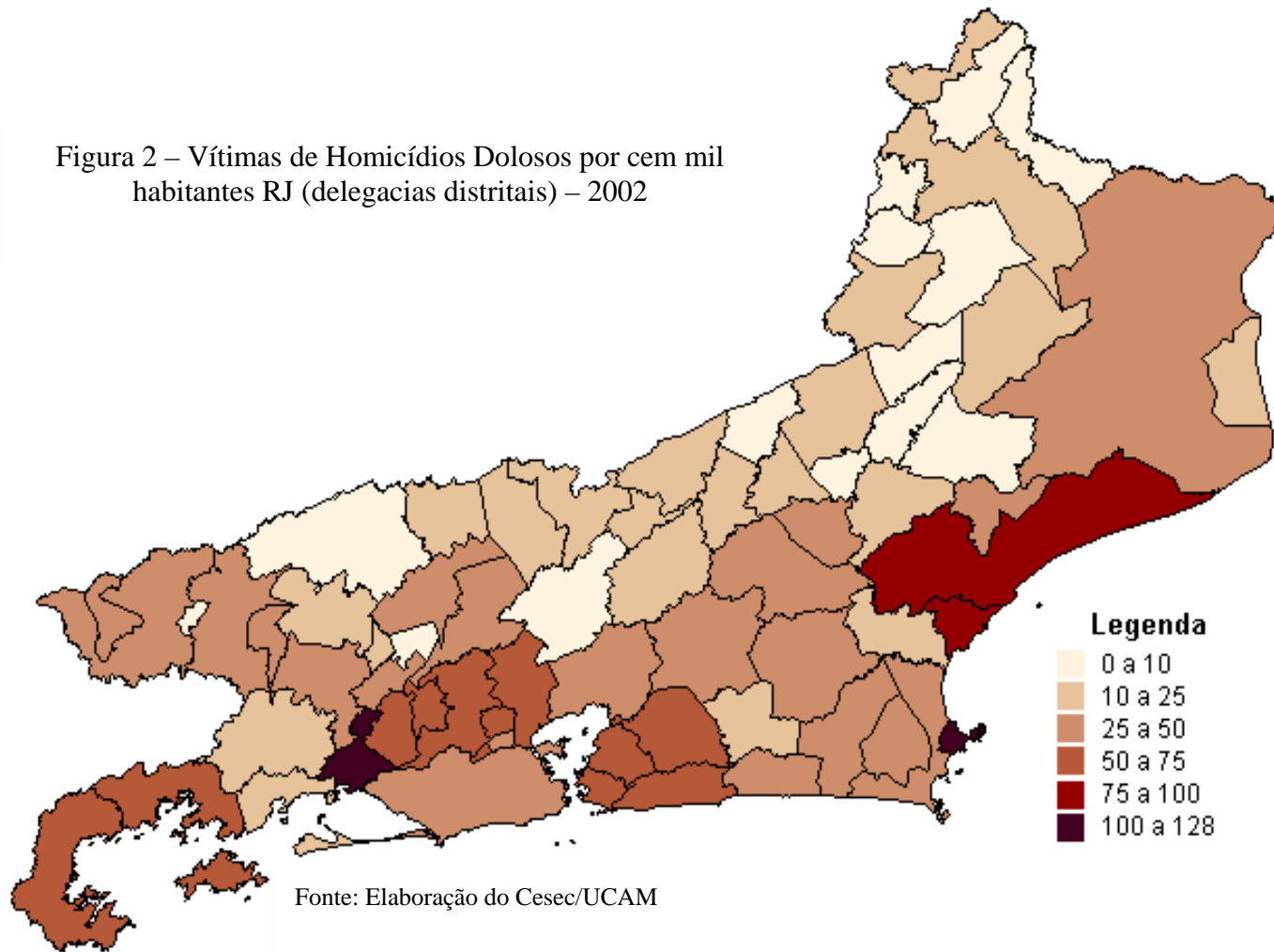
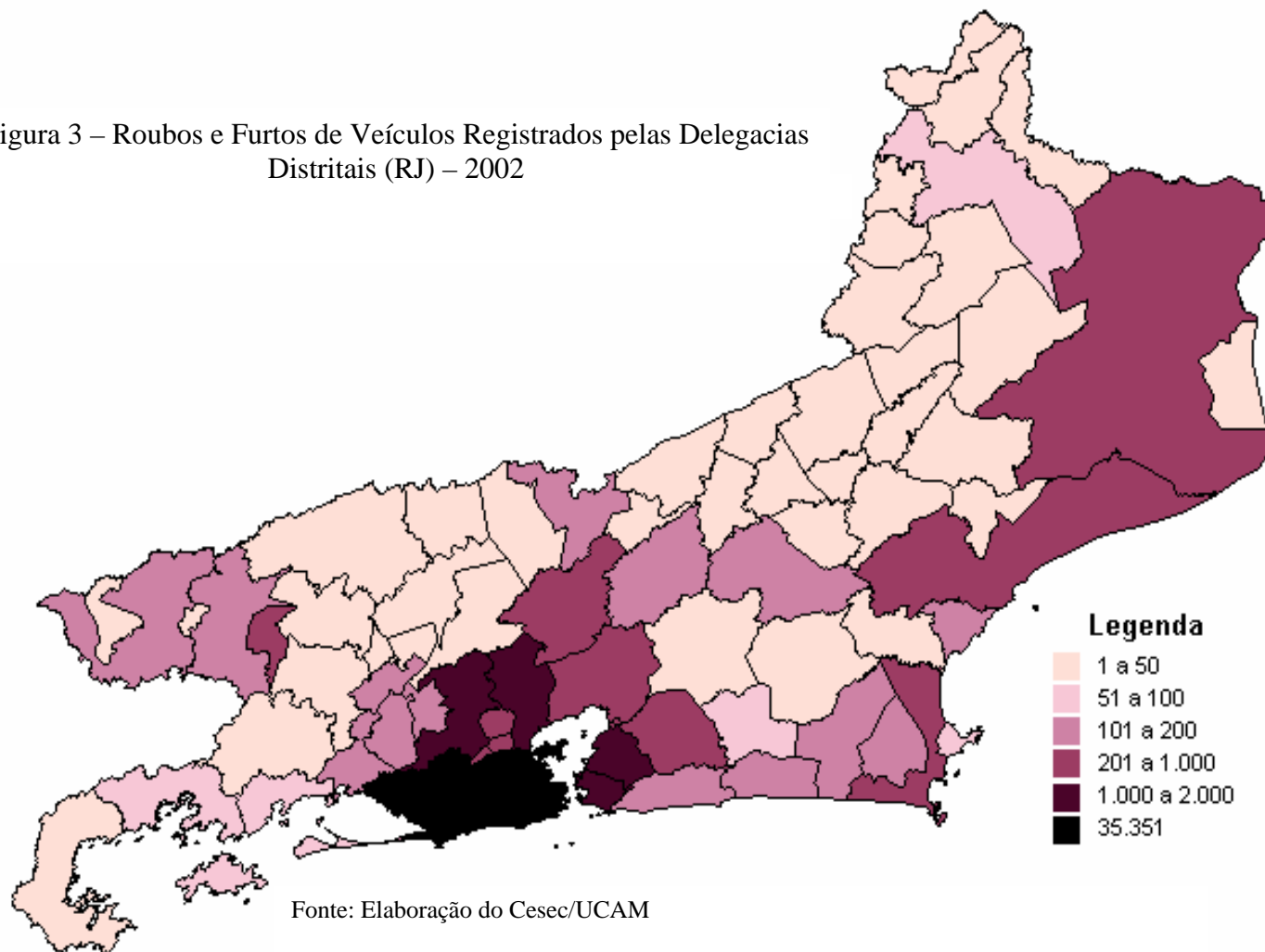


Figura 2 – Vítimas de Homicídios Dolosos por cem mil habitantes RJ (delegacias distritais) – 2002



Fonte: Elaboração do Cesec/UCAM

Figura 3 – Roubos e Furtos de Veículos Registrados pelas Delegacias Distritais (RJ) – 2002



De acordo com o jornal O Globo¹⁸ (15/06/2003), de 1999 a 2002, o número de homicídios subiu 8% na Baixada, 15% na capital e 29% no interior. Referente a 1991, o número de homicídios em 2002 caiu tanto na capital quanto na Baixada, mas aumentou no interior (16%). Na região de Macaé, Casimiro de Abreu e Rio das Ostras, que correspondem a 34ª AISP, o número de homicídios subiu 86% entre 1999 e 2002, o maior aumento registrado no estado. No mesmo período, dobrou o número de roubos e veículos na região de Cabo Frio, Búzios, Araruama e São Pedro da Aldeia (o crescimento foi de 117%, o maior do estado).

As figuras 2 e 3 mostram o quanto a 34ª AISP apresenta números elevados quanto a criminalidade, registrando em 2002 de 75 a 100 vítimas de homicídios dolosos, perdendo apenas para algumas áreas da 24ª e 25ª AISP's¹⁹; quanto aos roubos e furtos de veículos, esteve na faixa de 201 a 1000 registros, juntamente com outras áreas, perdendo apenas para algumas áreas da capital do Estado.

Nas cidades de Campos dos Goytacazes e Macaé, no Norte Fluminense, a violência também está ligada ao tráfico de drogas. De acordo com a polícia, 80% dos crimes têm envolvimento com traficantes. Em Macaé e cidades vizinhas, a taxa de homicídios (por cem mil habitantes) em 2002, foi a mais alta do estado (69,4). Esses números consideram a população residente. Macaé, devido aos trabalhos na área petrolífera, possui uma expressiva população flutuante.

Equipe da secretaria de segurança pública do Estado acredita que há dez anos o tráfico de drogas do Rio de Janeiro tem investido nas cidades de Macaé e Campos. Desta forma, poderíamos dizer que está ocorrendo uma expansão da criminalidade urbana associada ao tráfico de drogas para o interior do Estado, sendo Macaé um dos alvos deste processo, apresentando elevados índices de criminalidade.

Por que o crescimento tão elevado de um fenômeno tão perverso em áreas que justamente têm passado por tantas transformações econômicas, crescimento da oferta de empregos e maior desenvolvimento industrial? Nossa proposta é trazer alguns questionamentos e observações acerca deste fenômeno, a partir de algumas considerações

¹⁸ O Globo: *Migração de Bandidos leva o medo ao interior*, 15-06-2003.

¹⁹ A 24ª AISP corresponde a algumas áreas da capital do estado: Seropédica, Itaguaí, Paracambi e Queimados. A 25ª AISP corresponde a alguns municípios da Região dos Lagos: Araruama, Saquarema, São Pedro da Aldeia, Iguaba Grande, Cabo Frio e Búzios.

teóricas, e estudos sobre o assunto, estabelecendo alguns vínculos entre este processo e outros fenômenos, para uma melhor compreensão deste contexto.

CAPÍTULO 3 – INDÚSTRIA, CIDADE E VIOLÊNCIA

Jacqueline Beaujeu-Garnier²⁰ fala da cidade como o elemento fundamental da organização do espaço. O importante é considerar a cidade, concentração de homens, de necessidades, de possibilidades de toda a espécie (trabalho, informação), com uma capacidade de organização e transmissão, sendo ao mesmo tempo sujeito e objeto de transformações. Jutta Gutberlet²¹ faz um estudo sobre desenvolvimento e os impasses que são colocados para que este desenvolvimento seja sustentável e não desigual. A autora trata a respeito da questão do desenvolvimento numa ótica relacionada aos custos sociais que ele pode acarretar. O desenvolvimento industrial e econômico obviamente traz conseqüências diversas numa sociedade, mas existem aquelas que são problemáticas para o cotidiano da cidade, se não houver planejamento.

A ausência de distribuição justa dos bens produzidos pelo modelo capitalista compromete a qualidade de vida e a segurança da população como um todo. Desemprego, subemprego, remuneração insuficiente, condições de habitação inadequadas, podem levar à violência e ao desrespeito entre os cidadãos.

Ainda há um outro fator que, na atualidade, relaciona-se fortemente com a questão da violência, a consolidação do tráfico de drogas.

“A própria mudança no padrão da criminalidade urbana pode afetar os níveis de violência concretamente existentes, a despeito das melhorias eventualmente observadas nas condições de vida da população. A emergência e a inserção crescente do tráfico de drogas tem como um de seus efeitos mais imediatos o recrudescimento dos níveis de violência, principalmente entre os mais jovens. Esse tipo de criminalidade é organizado segundo os princípios do mercado e o faz sem o amparo da lei. Seus lucros são gerados pela ilegalidade do próprio empreendimento.

²⁰ Jacqueline Beaujeu-Garnier. *Geografia Urbana*. Fundação Calouste Gulbenkian: Lisboa, 1980.

²¹ Jutta Gutberlet. *Desenvolvimento Desigual: Impasses Para a Sustentabilidade*. Fundação Konrad-Adenauer-Stiftung. São Paulo: Centro de Estudos, 1998, nº 14.

Nesse contexto, quaisquer conflitos e disputas são resolvidos pela violência, o que afeta de modo decisivo as taxas de homicídios”.²²

A modernização e o crescimento das cidades afetou seriamente o sistema de valores e as relações na sociedade. A expansão da economia de mercado, as migrações, a industrialização, as tecnologias contribuíram para acelerar estas transformações; desse modo, crescem também as alternativas e escolhas quanto a estilos de vida. Nesse esquema, desenvolveram-se novas formas de criminalidade, como o tráfico de drogas²³.

A violência pode ser encarada como uma forma de sobrevivência num contexto onde as desigualdades são evidentes: emprego insuficiente, a remuneração de trabalho não qualificado é baixa, boa parte da população urbana vive no setor informal e a contradição pobreza/riqueza concentrada é grande. Devemos ter em mente que o ponto crucial nesta questão não é que a pobreza produza criminalidade, mas que a pobreza esteja sendo criminalizada para sua neutralização política. Em muitos casos, os jovens brasileiros são culpabilizados por serem negros e pobres, por serem desempregados, por acabarem se envolvendo com o tráfico e irem encher cada vez mais as prisões brasileiras.

Na verdade, o sistema urbano-industrial é gerador de violência, produzindo na sua própria dinâmica vários prejuízos ao meio social; mas este fato não é uma característica ambiental/ecológica, mas um fenômeno que tem origem em processos sócio-econômicos e políticos. Sendo assim, as causas da violência nada têm de naturais, são históricas, fruto da sociedade e atingem a população de forma diferenciada.

A engrenagem da violência no cotidiano da cidade é impulsionada pelos baixos salários, longa jornada de trabalho e alta rotatividade; além de diversos outros fatores como nutrição, saúde, habitação, levando o trabalhador a inserir-se num esquema que ele dificilmente poderá escapar, afinal, precisa do trabalho.

Existe um consenso generalizado, entre estudiosos da área de segurança pública, quanto à associação entre processos rápidos de urbanização (que afetam essa dinâmica da cidade) e o aumento da criminalidade e da violência. De acordo com Boschi, processos rápidos de urbanização e industrialização provocam fortes movimentos migratórios,

²² Alba Zaluar. “A criminalização das drogas e o reencantamento do mal”. In: ZALUAR, A. (Org.). Drogas e Cidadania. São Paulo: Brasiliense, 1994, apud Luís Flávio Saporì; Cláudio Burian Wanderley, op. cit., p. 71.

²³ Gilberto Velho. “Violência, reciprocidade e desigualdade: uma perspectiva antropológica”. In: Gilberto Velho; Marcos Alvito. Cidadania e Violência. Rio de Janeiro: Editora UFRJ-FGV, 2000.

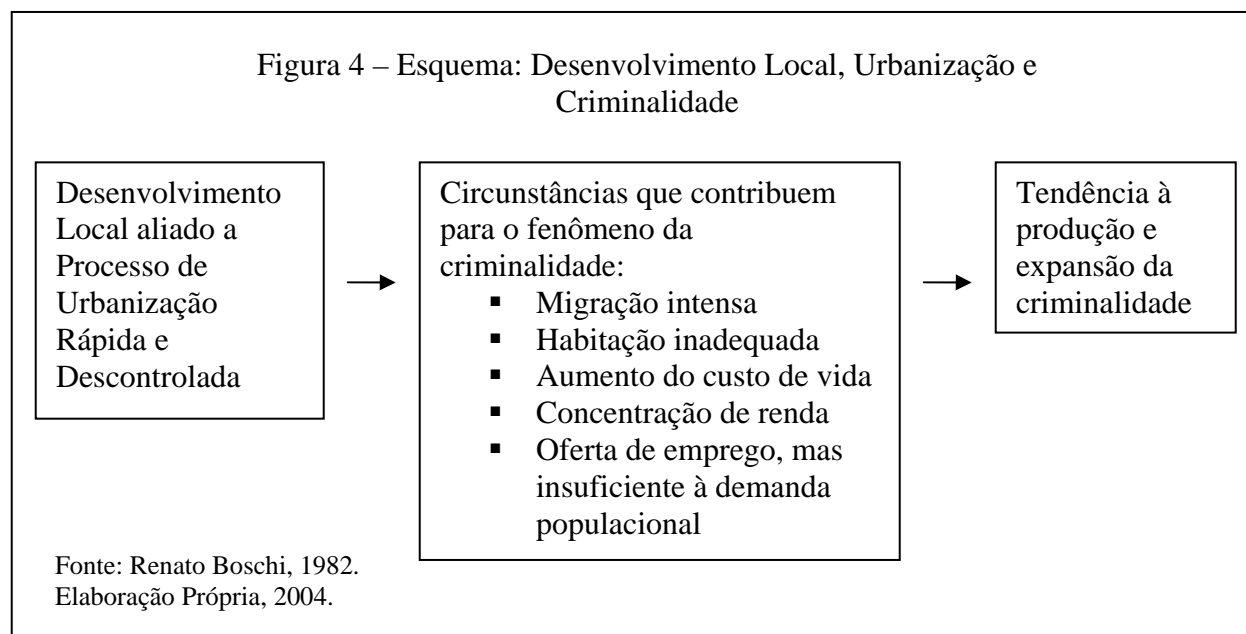
concentrando amplas massas isoladas (ou seja, carentes dos controles sociais espontâneos próprios da família, da comunidade ou da religião) nas periferias dos grandes centros urbanos, sob condições de extrema pobreza e desorganização social e expostas a novos comportamentos e a aspirações mais elevadas, inconsistentes com as alternativas institucionais de satisfação disponíveis.

“Assim, a violência e a criminalidade encontrariam nas grandes cidades expostas a rápidas mudanças sociais, o ambiente propício para sua expansão. Variáveis estruturais, como o tamanho, a diferenciação, a afluência e a concentração de renda, e variáveis sócio-psicológicas, como o isolamento, a impessoalidade e a formação de subculturas periféricas avaliando positivamente a criminalidade, adicionadas, produziriam os atores centrais do problema – as ‘classes perigosas’, ou os grupos sociais que experimentaram mais direta e fortemente a dissociação entre ‘aspirações culturalmente prescritas’ e ‘avenidas socialmente estruturadas’ para a realização das aspirações”.²⁴

Podemos então montar um esquema para representar este contexto, estabelecendo essa associação entre desenvolvimento local, urbanização e criminalidade, como apresentado na Figura 4:

²⁴ Renato Raul Boschi (org.). Violência e Cidade. Série Debates Urbanos 2. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982, p. 83.

Figura 4 – Esquema: Desenvolvimento Local, Urbanização e Criminalidade



É claro que a violência na cidade não é causada unicamente por estes fatores; não é apenas o desenvolvimento, a urbanização e/ou a indústria por si só que provocam a violência. A falta de controle e prevenção à criminalidade, aliada à idéia freqüente de impunidade, permite que o crime e a violência ocupem espaços cada vez maiores. O descrédito nas autoridades faz crescer a desconfiança, o medo e surgem interações conflitivas e a retroalimentação da criminalidade.

3.1 – Desenvolvimento Local e Criminalidade em Macaé: Algumas Contradições

A localidade contemporânea é plural e instável, se desenvolve com suas próprias lógicas. Segundo Bourdin, o local é “uma forma social que constitui um nível de integração das ações e dos atores, dos grupos e das trocas. Essa forma é caracterizada pela relação privilegiada com um lugar, que varia em sua intensidade e em seu conteúdo”²⁵.

Partindo destes pressupostos, podemos afirmar que no município de Macaé o fenômeno da urbanização descontrolada e acelerada afetou profundamente a dinâmica social do município, inclusive no que se refere aos conflitos na área urbana. Para

²⁵ Alain Bourdin. A questão local; trad. de Orlando dos Santos Reis. Rio de Janeiro: DP&A, 2001, p.56.

compreender as mudanças referentes aos índices de criminalidades no município de Macaé é importante considerar as transformações ocorridas em seu universo urbano e as novas formas de relação entre os atores locais.

Historicamente, a Região Norte Fluminense caracteriza-se pela sua vinculação à economia canavieira tradicional. Mais recentemente, além do açúcar, o álcool e o petróleo asseguraram-lhe o papel de uma das principais regiões do Estado. Nesta Região, destacam-se como pólos os Municípios de Campos dos Goytacazes e Macaé.

Macaé, desde a primeira metade do século XIX, é reconhecidamente expressiva em termos de economia agro-industrial apoiada na cana-de-açúcar, exercendo também a função de cidade comercial a partir do desenvolvimento do porto de Imbetiba, em 1846. Nas últimas décadas, aproximadamente a partir da década de 70, o município vem despontando como centro regional em decorrência das atividades de extração de petróleo e gás natural na Bacia de Campos.

A escolha de Macaé para sediar o terminal de apoio às atividades das plataformas da Petrobrás e o Distrito de Produção do Sudeste, certamente levou à população expectativas com relação à chegada da estatal e seu próprio desenvolvimento futuro. Os demais municípios que integram a Microrregião de Macaé – Conceição de Macabu, Quissamã e Carapebus – apresentam-se fortemente influenciados por Macaé e pelas atividades econômicas surgidas a partir da extração de petróleo e gás natural na Bacia de Campos²⁶.

Desta forma, podemos ver que Macaé passou por um processo de desenvolvimento local a partir da instalação da indústria de petróleo na cidade. De acordo com a tabela 2, podemos ver que é o município com maior representação na área extrativa mineral, justamente devido à atuação do setor de petróleo, além de outras classes de estabelecimentos industriais também estarem crescendo consideravelmente.

²⁶ CEPEMAR. Estudo de Impacto Ambiental - EIA. Atividade de Produção de Óleo e Gás no Campo Marlim Sul. Bacia de Campos. Vol. I/I. Mar./2000.

Tabela 2 – Estabelecimentos industriais por classes 1997-1999												
Região e municípios	Estabelecimentos industriais											
	Extrativa mineral			Indústria de transformação			Serviços industriais de utilidade pública			Construção civil		
	1997	1998	1999	1997	1998	1999	1997	1998	1999	1997	1998	1999
Região Norte Fluminense	42	42	48	676	697	709	11	13	10	351	389	424
Campos dos Goytacazes	8	8	12	462	454	468	4	6	3	214	232	248
Carapebus	-	-	-	-	1	2	-	-	-	-	-	-
Cardoso Moreira	1	-	1	5	5	4	-	-	-	-	1	2
Conceição de Macabu	1	1	1	15	15	11	1	1	1	4	3	7
Macaé	31	32	31	113	138	135	2	2	1	112	130	137
Quissamã	-	-	1	3	3	3	1	1	1	3	4	4
São Fidélis	1	1	1	49	48	51	1	1	1	16	15	18
São Francisco de Itabapoana	-	-	-	-	10	12	-	1	2	-	1	4
São João da Barra	-	-	1	29	23	23	2	1	1	2	3	4

Fonte: CIDE 2001

O crescimento da indústria na cidade gerou um processo de desenvolvimento e urbanização rápido e descontrolado, podemos dizer que não foi um processo gradativo, mas um processo acelerado, acarretado pela implantação da indústria de petróleo. Essa aceleração afetou profundamente a população do município, seu espaço, e suas atividades econômicas.

Tabela 3 – Taxa de Crescimento, Urbanização e Densidade Demográfica (2000)			
Região e municípios	Taxa média geométrica de crescimento anual (%) 1991/2000	Taxa de urbanização (%)	Densidade demográfica (hab./km ²)
Região Norte Fluminense	1,46	85,1	71,4
Campos dos Goytacazes	0,86	89,5	100,6
Carapebus	2,00	79,3	34,4
Cardoso Moreira	(-) 0,21	63,8	24,3
Conceição de Macabu	1,09	88,1	46,9
Macaé	3,85	95,1	107,0
Quissamã	3,01	56,3	19,1
São Fidélis	0,69	72,1	35,5
São Francisco de Itabapoana	0,65	46,6	36,6
São João da Barra	3,13	70,7	59,9

Fonte: CIDE 2001

Na Região Norte Fluminense, Macaé é o município que apresenta maior taxa de crescimento anual entre 1991 e 2000, maior taxa de urbanização e maior densidade demográfica. De acordo com a linha de estudo que estamos seguindo, esse processo de crescimento acelerado, gera alguns fatores na localidade, como migração intensa, aumento populacional, habitações inadequadas, abertura de novos postos de trabalho, sendo que esses novos postos abertos não absorvem todo o contingente de pessoas no município.

Falando sobre as novidades no padrão de urbanização no Brasil nos anos 80, Maricato afirma que as cidades de porte médio, com população entre 100 mil e 500 mil habitantes, cresceram a taxas maiores que as das metrópoles nos anos 80 e 90. Cidades situadas em regiões de fluxo migratório intenso apresentam crescimento superior ao de algumas capitais, como é o caso de Macaé, que passou por tantas transformações como temos visto. “Apesar dessa observação, a aceleração extraordinária do crescimento de cidades de porte menor e cidades litorâneas, exige uma atenção devido às conseqüências sociais e ambientais decorrentes da velocidade do processo de urbanização”²⁷.

Tabela 4 – Pessoas não-residentes em Macaé, por origem migratória segundo as Regiões de Governo e municípios 1996

Região e Municípios	Total	Estado do Rio de Janeiro	Outra Unidade da Federação	Outro país	Ignorado
Região Norte Fluminense	25 322	18 981	5 846	242	253
Campos dos Goytacazes	7 588	5 456	1 976	86	70
Carapebus	354	285	68	-	1
Cardoso Moreira	499	443	45	-	11
Conceição de Macabu	891	816	66	1	8
Macaé	12 291	8 816	3 270	149	56
Quissamã	295	214	15	-	66
São Fidélis	851	792	50	1	8
São Francisco de Itabapoana	904	624	263	3	14
São João da Barra	1 649	1 535	93	2	19

Fonte: CIDE 2001

²⁷ Ermínia Maricato, op. cit, p.25.

Trabalhando com o fator migração, por exemplo, Macaé é o município da Região Norte Fluminense que mais recebe pessoas de outras localidades, como se pode ver na tabela 4, sendo essa uma das maiores conseqüências da atuação da indústria na cidade; pessoas provenientes de várias partes do país e até estrangeiros são recrutados para trabalhar nas empresas petrolíferas. Como conseqüência principalmente da migração, a população de Macaé também aumentou bastante, como podemos constatar na tabela 5:

Região e Municípios	1940	1950	1960	1970	1980	1991	2000
Região Norte Fluminense	344 053	365 809	431 424	471 038	514 644	611 576	696 988
Campos dos Goytacazes	180 677	200 327	246 865	285 440	320 868	376 290	406 511
Carapebus	9 369	8 825	7 179	8 164	6 834	7 238	8 651
Cardoso Moreira	22 231	21 657	22 476	17 958	14 728	12 819	12 579
Conceição de Macabu	8 702	9 153	9 730	11 560	13 624	16 963	18 706
Macaé	28 961	27 839	41 972	47 221	59 397	93 657	131 550
Quissamã	9 003	9 056	9 654	9 933	9 620	10 467	13 668
São Fidélis	45 679	43 869	38 715	35 143	34 976	34 581	36 774
São Francisco de Itabapoana	28 760	32 301	36 720	39 883	35 932	38 714	41 046
São João da Barra	10 671	12 782	18 113	15 736	18 665	20 847	27 503

Fonte: CIDE 2001

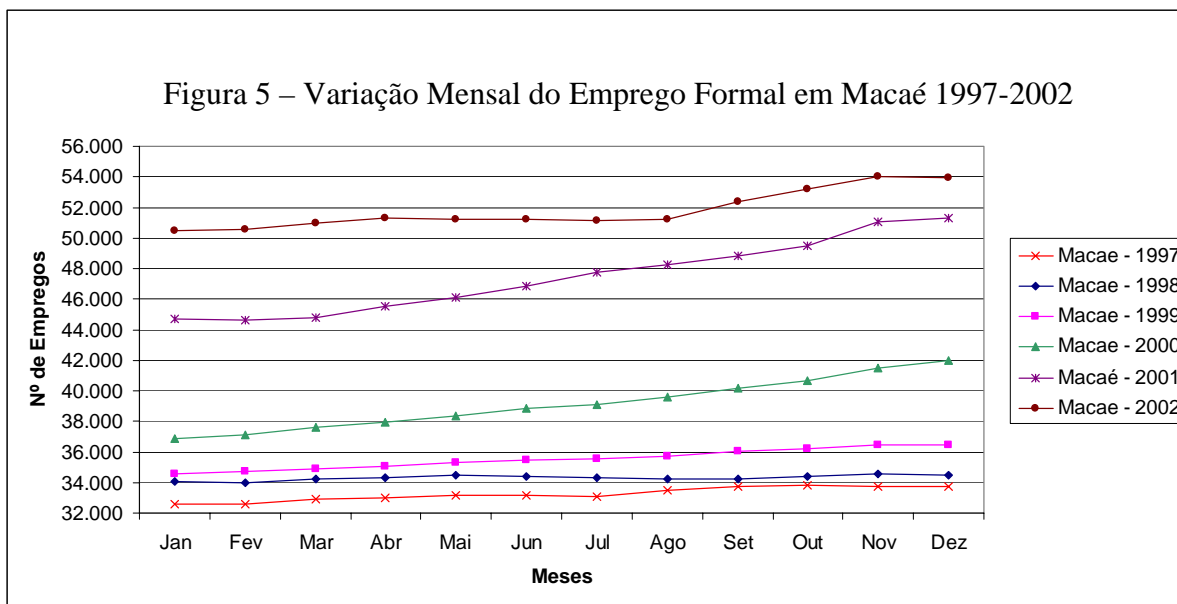
Coincidentemente com a implantação da indústria durante a década de 70, mas efetiva atuação sobre o município a partir da década de 80, a população de Macaé mais que dobrou do início da década de 80 até os dias atuais, sendo também o município com maior crescimento populacional na Região Norte Fluminense.

Os dados referentes à habitação são do ano de 1991. Neste ano, Macaé possuía 23.933 domicílios, dos quais 22.017 urbanos e 1.916 rurais. O déficit habitacional no município representa 2.913 domicílios, ou seja, aproximadamente 12% dos domicílios em 1991 apresentavam deficiência²⁸.

Quanto à evolução do emprego formal no município, podemos dizer que Macaé vem criando novos postos de trabalho de forma contínua, apresentando crescimento

²⁸ CIDE, 2001.

expressivo, de acordo com os dados do Observatório Sócio-Econômico do Norte Fluminense²⁹.



Fonte: Observatório Sócio-Econômico da Região Norte Fluminense. CAGED – Ministério do Trabalho e do Emprego

Devido ao grande aumento da oferta de empregos em Macaé (como visto no gráfico da figura 5), durante as entrevistas – com aplicação de questionários – que foram realizadas, é comum ouvir que “na cidade não trabalha quem não quer”, “que existem muitas oportunidades”, mas a realidade não é exatamente dessa forma, ou o é em parte. Os imigrantes chegam ao município com suas aspirações individuais, mas muitas vezes não encontram condições sociais disponíveis para concretizá-las, permanecendo numa região em que o número de empregos cresce enormemente, mas não são absorvidos pelo sistema.

Geralmente, a expectativa criada em torno da implantação de grandes empreendimentos em cidades consideradas “do interior” é bastante significativa, mas esta expectativa pode ser maior do que a real oferta de empregos, o que pode contribuir na geração de marginalidades de toda espécie, pois boa parte do número de pessoas trabalhando nas empresas ligadas ao setor petrolífero – que é encarado como a garantia de serviços – é de um contingente proveniente de outras localidades, com qualificação

²⁹ Dados do Observatório Sócio-Econômico da Região Norte Fluminense. Convênio CEFET-UENF-UFF-UFRRJ-UNIVERSO – www.cefetcampos.br.

profissional especializada na área. Sendo assim, a própria polícia e autoridades ligadas ao governo municipal afirmam que estas questões contribuem para o crescimento da violência urbana na cidade; a não-correspondência entre as expectativas da população e a real situação de empregos na cidade.

Uma outra questão é a dos empregos temporários, que influencia na área de habitação e oferta de empregos. Existe um esquema de contratação por parte de algumas empresas, em que os trabalhadores desenvolvem determinadas atividades por empreitadas, atividades estas que duram um certo tempo. Ao término do contrato, estas pessoas ficam com dificuldades no que concerne a fatores como emprego, moradia etc. Isso contribui para elevar os problemas relacionados à pobreza na cidade, à inadequação habitacional, à marginalização e à criminalidade, uma vez que o mau uso do solo e a ocupação inadequada podem acarretar conflitos sociais e a violência.

3.2 – Análise das Ocorrências Criminais na 34ª AISP e 123 DP de 1998 a 2002

A Área Integrada de Segurança Pública a qual Macaé pertence, de acordo com os dados de 2002, é a 34ª AISP e, como já foi dito, circunscreve também os municípios de Casimiro de Abreu, Conceição de Macabu, Quissamã, Carapebus e Rio das Ostras. A maior parte dos dados disponíveis estão concentrados por AISP's, ou seja, com as delegacias destas áreas agregadas. A delegacia de Macaé, a 123 D.P., é a que apresenta maior frequência de ocorrências dentro da 34ª AISP, como demonstra a tabela 6.

Tabela 6 – Porcentagem das ocorrências da 34ª AISP na delegacia de Macaé (2002)			
Tipo de Ocorrência	Ocorrências registradas na 34ª AISP	Ocorrências registradas na 123 DP Macaé	(%)
Roubo em Coletivo	44	42	95,45
Apreensão de Drogas	387	306	79,07
Homicídios Dolosos	173	127	73,41
Roubo a Transeunte	156	114	73,08
Estupro	32	21	65,63
Veículos Furtados	281	178	63,35
Prisões	566	349	61,66
Veículos Roubados	146	85	58,22
Roubo a Residência	38	14	36,84

Fonte: Cesec – Ucam
Elaboração Própria, 2004.

Entre estes tipos de ocorrências disponíveis, apenas roubo a residência não está com a maior parte das incidências na delegacia de Macaé. Roubo em coletivo, apreensão de drogas, homicídios dolosos e roubo a transeunte chegam abranger mais de 70% das ocorrências em Macaé. Portanto, podemos concluir que os dados referentes a 34ª AISP representam em boa medida, o nível de ocorrências no município de Macaé, e a situação da criminalidade na cidade.

No ano de 2002, conforme as ocorrências registradas por AISP's agregadas³⁰ a 34ª AISP apresentou uma taxa bastante elevada – se comparada à própria média do Estado – em crimes como homicídios, estupro, apreensão de drogas e apreensão de armas.

Na taxa de homicídios por cem mil habitantes, a 34ª AISP ficou com a 3ª maior taxa em 2002 (69,4), perdendo apenas para a 1ª e 5ª AISP's (com 96,6) e a 9ª AISP (com 88,1), que compreendem algumas áreas do município do Rio de Janeiro.

No item apreensão de drogas, que é o que mais tem chamado atenção principalmente nos jornais e noticiários, a 34ª AISP fica com a 4ª maior taxa (155,2 apreensões por cem mil habitantes), mais uma vez perdendo para alguns locais apenas do município do Rio de Janeiro, que compreendem a 1ª e 5ª AISP's (com taxa de apreensão de drogas de 394), a 3ª AISP (192,2) e a 4ª e 6ª AISP's (com taxa de 157,6).

É interessante observar que nestes dois delitos, também em estupro e prisões, a taxa por cem mil habitantes na 34ª AISP ultrapassa a taxa do Estado em 2002. Através das ocorrências em 2002 podemos perceber que os crimes contra a pessoa, os costumes e entorpecentes na 34ª AISP, e conseqüentemente em Macaé, são mais freqüentes do que os crimes contra o patrimônio, comparando-se com o resto do Estado. Segundo Ib Teixeira³¹, a delinqüência de origem rural estava muito mais comprometida com o homicídio que a delinqüência urbana, esta se voltava mais para a desordem ou os crimes contra o patrimônio. Mas essa realidade tem sido transformada, os homicídios têm crescido cada vez mais na área urbana, compondo um cenário de medo e insegurança na cidade.

De acordo com o relatório comparativo de ocorrências da 123ª Delegacia de Polícia em Macaé, foram registrados os seguintes números de ocorrências nestes delitos apontados

³⁰ Ver anexo I.

³¹ Ib Teixeira, op. cit.

para nosso estudo (homicídios, furto de veículo, roubo de veículo, apreensão de drogas, apreensão de armas):

Título/Ano	1998	1999	2000	2001	2002	Total	Crescimento no período (%)
Homicídio	56	56	53	88	126	379	125,00
Furto de Veículo	98	143	338	293	202	1074	106,12
Roubo de Veículo	25	34	68	103	83	313	232,00
Apreensão de Drogas	75	62	71	163	299	670	298,67
Apreensão de Armas	72	32	99	208	270	681	275,00

Fonte: 123^a D.P. Macaé
Elaboração Própria, 2004.

Constatando as hipóteses a respeito do crescimento da criminalidade no município de Macaé, todos os delitos apontados acima tiveram um aumento superior a 100% no período de 1998 a 2002. Apreensão de drogas e apreensão de armas tiveram um aumento extremamente elevado, com 298,67% e 275%, respectivamente; isto está de acordo com autoridades policiais que afirmam que uma significativa parte dos delitos como homicídios, apreensão de armas, entre outros, quando são investigados, descobre-se que estão relacionados de alguma forma com o tráfico de drogas no município. Abaixo, apresentamos a tabela de crescimento dos referidos títulos de ocorrências por ano.

Título	1998/1999 (%)	1999/2000 (%)	2000/2001 (%)	2001/2002 (%)
Homicídio	0	-5,36	66,04	43,18
Furto de Veículo	46	136,36	-13,31	-31,06
Roubo de Veículo	36	100,00	51,47	-19,42
Apreensão de Drogas	-17	14,52	129,58	83,44
Apreensão de Arma	-56	209,38	110,10	29,81

Fonte: 123^a D.P. Macaé
Elaboração Própria, 2004.

No período 1998/1999, houve um crescimento razoável (se comparado aos períodos seguintes) apenas nos itens furto de veículo e roubo de veículo, os demais itens diminuíram ou permaneceram com os mesmos valores. É importante ressaltar aqui, que foi no ano de 1999 que foram implementadas as Áreas Integradas de Segurança Pública, onde todo o

Estado do Rio de Janeiro foi dividido em 36 AISP's, com o objetivo de intensificar o policiamento e o controle da criminalidade; a redução de algumas ocorrências cruciais no nosso estudo neste ano – como apreensão de drogas e armas e homicídios – pode ter ocorrido devido a este novo sistema de ação criado pela Secretaria de Segurança Pública do Estado.

De 1999 para 2000, o número de ocorrências cresce em todos os títulos, apenas o número de homicídios cai em 5,36%. E é por volta de 2000, que os valores demonstram que os crimes tiveram um maior crescimento, que foi tornando-se contínuo para os itens homicídio, apreensão de drogas e apreensão de armas, que estão de alguma forma interligados, segundo a polícia.

Alguns valores merecem destaque, como o grande crescimento de apreensão de armas em 2000 que, na verdade, acontece porque em 1999 o número de apreensão de armas foi bastante reduzido. Cabe interrogar o porquê dessa redução, se ocorreu devido à ineficácia da polícia em apreender uma maior quantidade de armas, ou se realmente existia uma quantidade menor de indivíduos com posse ilegal de armas, veremos isso adiante.

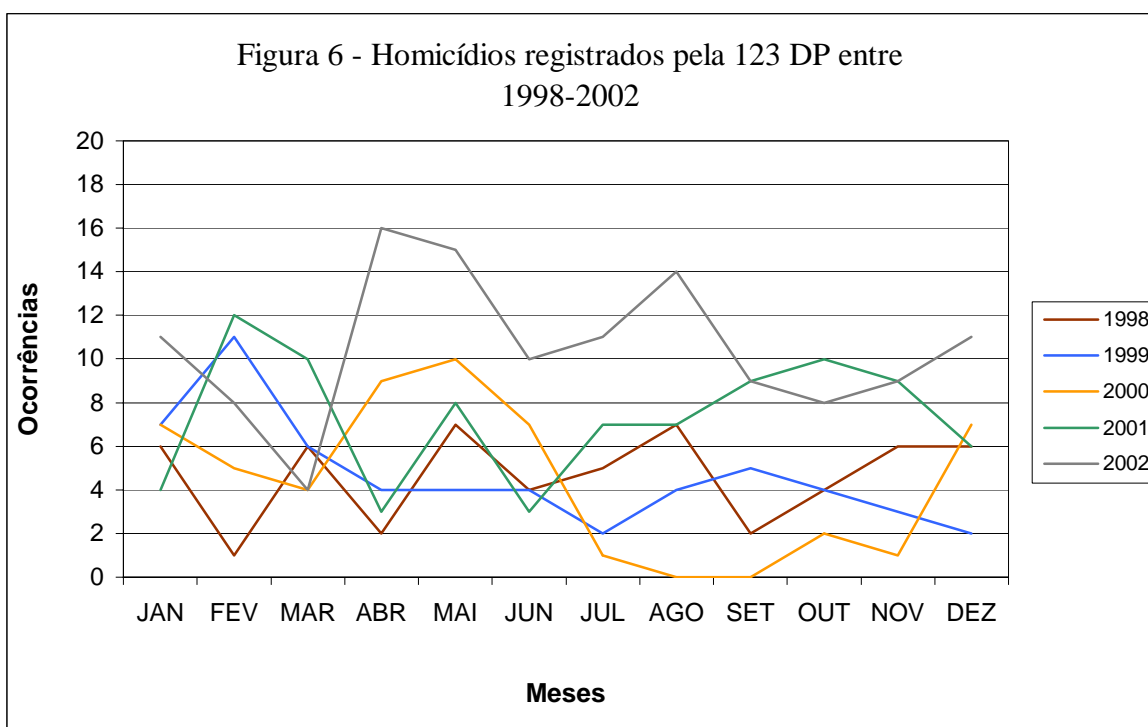
Já o crescimento de apreensão de drogas do ano de 2000 para 2001 mostra um crescimento contínuo com 71 ocorrências em 2000, 163 em 2001 e 299 em 2002. No período dos 5 anos (1998-2002) é o tipo de ocorrência que apresentou maior crescimento dentre os que estamos estudando.

De acordo com Peralva, a difusão das armas de fogo gerou nos grandes centros brasileiros um estado de guerra permanente. Os riscos aos quais a população está submetida se distribuem de forma desigual nos diferentes estratos que não possuem recursos semelhantes para enfrentá-los. Além da forte presença do narcotráfico que acaba por impor regras próprias.

“O risco de morte ligado à violência urbana foi integrado de forma bastante geral à experiência dos brasileiros que vivem nos centros urbanos. Um dos problemas mais difíceis para as famílias consiste em aceitar o risco geral e indeterminado que pesa sobre seus filhos quando começam a sair sozinhos, tornando-os ao mesmo tempo capazes de desenvolver uma sensibilidade ao risco, adotando condutas capazes de

evitar e reduzir tais riscos. Mas essa experiência é muito mais intensa, quando se trata dos jovens favelados”.³²

Acreditamos, assim que drogas, armas e morte apresentam alguma relação, os indivíduos se tornam mais propensos a se envolverem na execução de mortes e também sujeitos ao risco de morrer. Vamos analisar os títulos de ocorrências referentes a estes três tipos de crime: homicídio, apreensão de armas e apreensão de drogas.



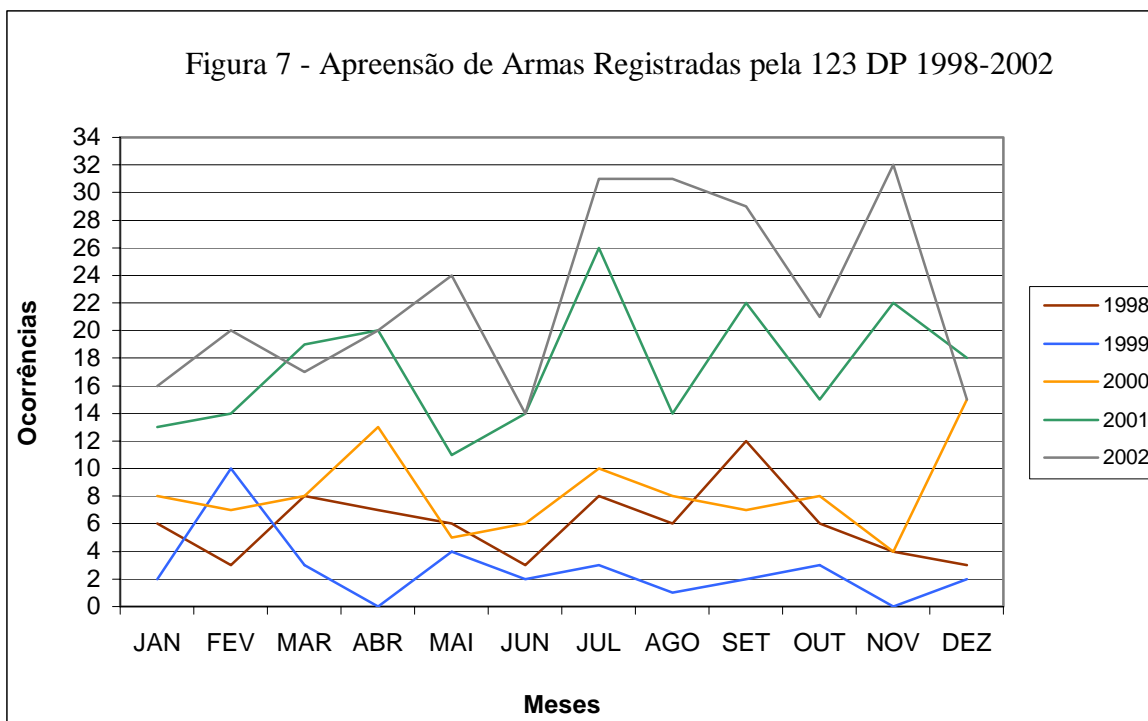
Fonte: 123 DP – Macaé
Gráfico: Elaboração Própria, 2004.

Através de uma simples análise do gráfico na figura 6, podemos constatar o grande crescimento no número de homicídios nos cinco anos (1998-2002) em estudo. O ano de 2002 (linha cinza) apresenta número de homicídios bem mais elevado que o ano de 1998 (linha marrom), com crescimento de 125% no período. Apesar de, em 2000, o ano haver começado com números mais elevados de homicídios, estes valores caíram a partir do meio do ano, aproximadamente junho e julho, permanecendo assim o resto do ano, até chegar em dezembro, quando volta a elevar-se.

³² Angelina Peralva, op. cit, p. 134.

É interessante observar os meses do ano em que houve maior e menor ocorrência de homicídios. Em 1998, os meses de maio e agosto foram os que tiveram maior ocorrência; em 1999, foi o mês de fevereiro; em 2000, o mês de maio; em 2001, foi fevereiro também; e em 2002, o mês de abril foi o que teve maior ocorrência de homicídios. Podemos perceber, portanto, uma certa tendência a maior ocorrência de homicídios no primeiro semestre do ano, apenas em 1998 o mês de agosto também registrou um índice alto para aquele ano.

Observemos agora os meses que tiveram menor ocorrência. Em 1998, foi o mês de fevereiro, com apenas 1 (um) homicídio; em 1999, foram os meses de julho e dezembro. Em 2000, foram os meses de agosto e setembro, com nenhum homicídio registrado durante estes dois meses; em 2001, junho e abril registraram o menor número; e em 2002, o mês de março registrou o menor número de homicídios deste ano, 4 (quatro), que, se comparado aos anos anteriores já é elevado. Aqui, não é demonstrada uma tendência forte a ocorrerem homicídios em determinado período do ano, as ocorrências estão mais divididas durante todo o ano.



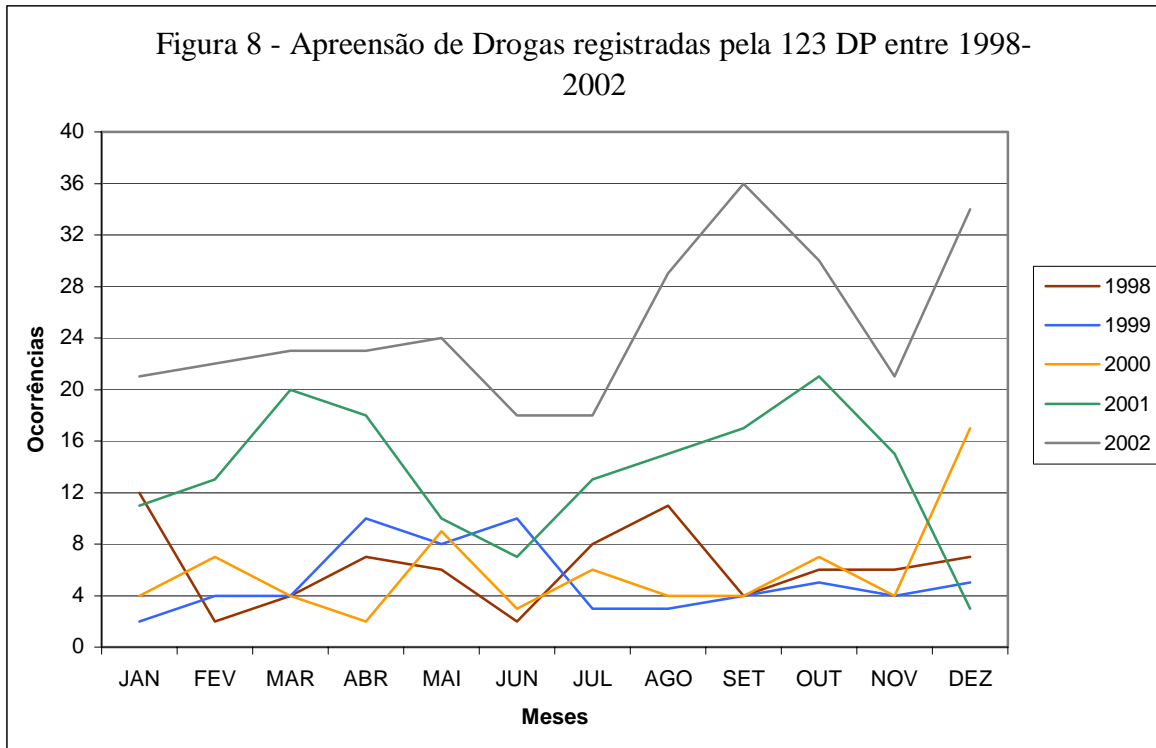
Fonte: 123 DP – Macaé
Gráfico: Elaboração Própria, 2004.

Quanto às ocorrências registradas no que se refere à apreensão de armas, o crescimento foi bastante elevado durante os 5 anos, 275% de crescimento em 2002, se comparado ao ano de 1998. As linhas referentes aos anos de 1998, 1999 e 2000 estão relativamente próximas, mas a partir de 2001, os números já estão mais elevados, e a linha referente a 2002 eleva-se ainda mais. Vale a pena observar o baixo número de armas em 1999, que diminuiu em 56% em relação a 1998. Na verdade, o grande crescimento de 1999 para 2000 (209,38%) refere-se a esta redução no período anterior.

Como já vimos, as taxas em 1999 estiveram de alguma forma controladas, e este foi o ano de criação dos Conselhos de Segurança Pública e das AISP's. Neste ano também, a OAB/Macaé, juntamente com a Secretaria de Segurança Pública do Estado, lançaram a campanha "Movimento Pró-Luta pela Não-Violência" no município, tiveram a colaboração também da Associação Comercial e Industrial de Macaé (Acim). No jornal O Debate, neste período, eram frequentemente divulgadas as reuniões do Movimento e relatada a participação de diversos setores da sociedade macaense, como, por exemplo, "*Macaenses unem forças pela não-violência*"³³; "*OAB vai até a comunidade para traçar esquema de não-violência*"³⁴.

³³ Jornal O Debate: *Macaenses unem forças pela não-violência*, 02-05-1999.

³⁴ Jornal O Debate: *OAB vai até a comunidade para traçar esquema de não-violência*, 11-05-1999.



Fonte: 123 DP – Macaé
Gráfico: Elaboração Própria, 2004.

As ocorrências referentes à apreensão de drogas são as que apresentam um crescimento extremamente elevado, chegando a quase 300% de crescimento no período de 1998 a 2002. Isso demonstra o quanto o tráfico de drogas no Estado do Rio de Janeiro tem crescido para o interior. As cidades de Macaé e Campos são as mais visadas justamente por causa do dinheiro trazido pela indústria de petróleo e pelas universidades.

Assim como o item apreensão de armas, as linhas referentes aos anos de 1998, 1999 e 2000 estão mais próximas, a linha referente a 2001 já está mais acima, apesar do alto índice em dezembro de 2000 e da queda, neste mesmo mês, em 2001; no ano de 2002, a linha está bem destacada das demais, apenas em junho e julho ela cai, mas durante todo o ano apresenta uma média de 25 apreensões de drogas por mês.

Para testar nossa hipótese de que o número de homicídios em Macaé e o tráfico de drogas apresentam alguma relação, utilizamos um teste estatístico que trabalha com coeficientes de correlação linear, que expressam numericamente o sentido (positivo ou negativo) e a força (fraca, moderada ou forte) da correlação. Para tanto, utilizamos o

coeficiente de correlação linear de Pearson (r), que varia de -1 a $+1$, da correlação negativa perfeita a correlação positiva perfeita³⁵.

Ao submetermos os valores referentes às ocorrências de homicídios e apreensão de drogas, entre 1998 e 2002 na delegacia de Macaé, ao teste, obtemos o seguinte r de Pearson:

$$r = + 0,9961$$

Isso indica uma correlação positiva muito forte, quase perfeita. Sendo assim, a correlação entre homicídios e apreensão de drogas é muito forte, à medida que uma variável apresenta crescimento, a outra também apresenta uma tendência a elevar-se; e essa correlação, além de positiva, é muito forte.

Analizamos também a correlação entre homicídios e apreensão de armas no mesmo período, obtendo o seguinte r de Pearson:

$$r = + 0,9409$$

Esse coeficiente indica uma correlação positiva moderada, próximo a forte, entre o crescimento das ocorrências de homicídios e das ocorrências referentes à apreensão de armas.

Podemos concluir, nesta análise, que o número de homicídios em Macaé está relacionado com o tráfico de drogas e um maior número de armas circulando na cidade; talvez o maior número de apreensão de armas não seja devido a um trabalho mais ostensivo da polícia, e sim devido realmente ao crescimento de armas circulando nas mãos de criminosos e pessoas ligadas ao tráfico.

A indústria de petróleo – destacamos a Petrobras – instalou-se em Macaé por volta da década de 70, mas sua efetiva atuação na cidade foi no início dos anos 80, atraindo diversas outras empresas ligadas ao setor, muitas delas multinacionais. É interessante observar que em 02/09/1988, foi criada em Macaé a 5ª CIPM (Companhia Independente da Polícia Militar), conferindo maior independência à atuação da Polícia Militar na cidade e

³⁵ Ver Anexo II. Para uma melhor compreensão, conferir em Jack Levin. “Estatística Aplicada a Ciências Humanas”. São Paulo: Editora Harbra, 1987, 2ª ed.

região. Em 13/12/2001, a Companhia transformou-se em Núcleo e, em 21/03/2002, já existia o 32º BPM (Batalhão da Polícia Militar) em Macaé. De certa forma, a evolução da presença da Polícia acompanhou o desenvolvimento local do município, fato que as autoridades ligadas à segurança pública atribuem ao crescimento da cidade em várias instâncias e à demanda por uma maior atuação da polícia no local.

Portanto, o desenvolvimento local em Macaé trouxe muitas transformações e conseqüências sociais, como o recrudescimento dos níveis de criminalidade. A cidade enfrenta uma nova dinâmica, com a presença de muitos migrantes, empresas, circulação de pessoas e capital.

CAPÍTULO 4 – PERCEPÇÃO DA POPULAÇÃO MACAENSE SOBRE A VIOLÊNCIA NA CIDADE

Os impactos da atuação da indústria de petróleo em Macaé são visíveis por qualquer indivíduo. Mudanças econômicas, sociais e espaciais fazem parte do cotidiano da cidade e são comentadas pelos moradores. Quase vinte anos após a efetiva implantação do terminal da Petrobrás, a cidade de Macaé mudou bastante. A cidade cresceu, as atividades econômicas do município se diversificaram e expandiram, tornando-se um pólo de desenvolvimento e atração no Estado do Rio de Janeiro, o que se torna evidente principalmente no crescimento da população, como visto anteriormente.

Diante de tantas modificações sociais, econômicas, urbanas e espaciais, a população também está sofrendo com vários problemas urbanos, como os acentuados índices de criminalidade e o crescimento da violência urbana.

Estudos de percepção são importantes para tentar apreender a opinião que a população possui a respeito de determinado assunto; neste caso, o tema é a atuação da indústria de petróleo em Macaé e as transformações pelas quais a cidade vem passando nos últimos anos.

Em pesquisa realizada no final do ano de 2002 e início de 2003³⁶, foram aplicados 400 questionários nos diferentes bairros da cidade, portanto, faz parte da amostra apenas a área urbana do município, onde acreditamos serem mais evidentes as mudanças provocadas pela indústria.

Procuramos perceber como se encontra a imagem da Petrobrás e das diversas empresas no ramo de petróleo por parte da população no município, buscamos apreender também a percepção da população a respeito das mudanças implementadas em seu território, como mostra tabela 9:

³⁶ Esta pesquisa é desenvolvida no Setor de Estudos Urbanos e Regionais (SEUR) do LEEA - UENF, a respeito da “Percepção Ambiental Sobre a Atuação da Indústria de Petróleo no Norte Fluminense”.

Problemas	Citação	Percentual
Violência	230	57,5%
Falta de áreas verdes	179	44,8%
Trânsito	178	44,5%
Esgoto	161	40,3%
Qualidade da água	141	35,3%
Falta de serviços de saúde	140	35,0%
Enchentes	122	30,5%
Falta de creches	112	28,0%
Falta de iluminação pública	110	27,5%
Falta de transporte público	106	26,5%
Poluição sonora	103	25,8%
Falta de escolas	81	20,3%
Outro.	73	18,3%
Poluição do ar	61	15,3%
Falta de eletricidade	57	14,2%
Lixo	46	11,5%
Não resposta	18	4,5%
Risco de deslizamentos	9	2,3%

Fonte: SEUR-LEEA-UENF, 2003.

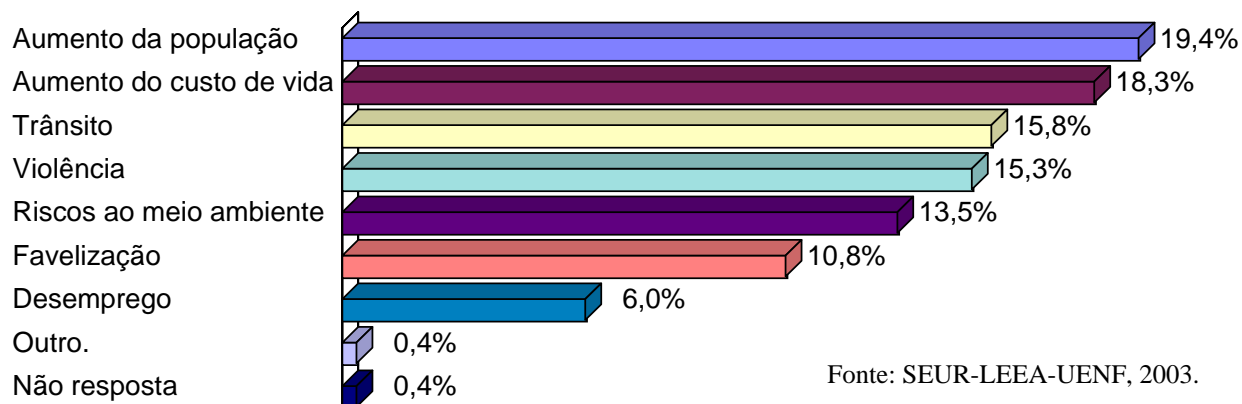
A respeito dos problemas que ocorrem na cidade, os moradores foram interrogados sobre qual (is) destes problemas acima ocorrem em seu bairro. De uma forma geral, violência foi o problema mais apontado pelas pessoas, de um total de 400 questionários, 230 entrevistados apontaram ser um problema no bairro, ou seja, 57,5%. Enquanto respondiam, muitos entrevistados contavam algumas situações referentes a alguns destes problemas e, quando falavam de violência, sempre citavam algum fato ocorrido consigo, com alguém da família ou alguém que morasse próximo.

Tabela 10 – Citação da violência por bairro em Macaé (2002)			
Bairro/Problemas	Citação Violência	Total no Bairro	Percentual
Barra de Macaé	57	65	87,69
Cajueiros	10	13	76,92
Botafogo	23	30	76,67
São José do Barreto	2	3	66,67
Aroeira	27	42	64,29
Cavaleiros	5	8	62,50
Centro	20	33	60,61
Riviera Fluminense	9	16	56,25
Parque Aeroporto	32	57	56,14
Praia Campista	6	12	50,00
Imbetiba	8	17	47,06
Glória	4	10	40,00
Miramar	7	18	38,89
Visconde de Araújo	12	34	35,29
Ajuda	3	12	25,00
Lagomar	3	12	25,00
Granja dos Cavaleiros	1	6	16,67
Lagoa	1	8	12,50
TOTAL	230	400	57,50

Fonte: SEUR-LEEA-UENF, 2003.

Na tabela 10, temos as citações por bairro, o bairro de Barra de Macaé foi o que mais apontou a violência como um problema, em torno de 87% dos entrevistados acreditam que a violência é um sério problema no bairro; este valor, se comparado com o total de citação na cidade (57,5%), é maior em 30% aproximadamente.

Figura 9 – Indivíduos que associaram estes problemas à indústria de petróleo em Macaé (2002)



Fonte: SEUR-LEEA-UENF, 2003.

Quando interrogados se existe alguma associação dos problemas enumerados acima no gráfico e a implantação da indústria de petróleo da cidade, violência ficou em 4º lugar, antecedido por aumento da população, aumento do custo de vida e trânsito.

A violência é um problema considerável pela população residente no município de Macaé, uma vez que aproximadamente 60% da população encara a violência como um problema nos bairros da cidade. Quanto à relação deste problema com a atuação da indústria petrolífera, a população acredita que outros problemas são mais evidentes nesta relação, como aumento populacional, custo de vida e trânsito intenso. Podemos afirmar que, na verdade, estes problemas estão interligados, uma vez que estes fatores podem fazer parte de um contexto de mudanças pelas quais o município vem passando.

CONCLUSÃO

A violência no Estado do Rio de Janeiro tem crescido bastante nos últimos anos; tendo um aumento mais elevado nas cidades do interior que na capital. O tráfico de drogas tem sido um item propulsor deste fato, uma vez que cresce e se expande para todo o interior do Estado.

Macaé, que até poucos anos atrás era considerada uma cidade do interior, passou por enormes transformações econômicas, sociais e espaciais nos últimos anos. A questão da criminalidade, neste caso, muito se relaciona com a questão das mudanças na área urbana de Macaé, pois o sistema urbano-industrial gera uma dinâmica própria que acarreta muitas conseqüências na sociedade. A violência é um fenômeno social que tem origem em processos sociais, econômicos e políticos e, na área urbana, está relacionada ao cotidiano da cidade. Muitos fatores estruturais e sócio-psicológicos exercem influência sobre a criminalidade urbana em si, mas é todo um contexto de contradições e conflitos urbanos, aliados à falta de controle e prevenção à criminalidade e a idéia de impunidade, que gera essa profunda sensação de insegurança.

Podemos dizer que, em Macaé, houve um grande crescimento em sua área urbana, com a incorporação de novos atores à sua dinâmica social, mas não houve mecanismos de planejamento equivalentes. Os migrantes que chegam à cidade para ocupar altos cargos nas indústrias possuem acesso a um mundo *à parte*, e boa parte da população não desfruta desses benefícios, mas sofre com as conseqüências sociais e os impactos gerados pela nova dinâmica urbana.

Portanto, o que queremos demonstrar e que vai ao encontro do raciocínio de Boschi, é que o desenvolvimento de uma cidade, associado a um processo de urbanização sem planejamento e quando não ocorre de forma gradativa, gera impactos sociais profundos no que se refere à migração, baixas condições de vida, concentração de renda, entre outros. Estes fatores, por sua vez, contribuem para a produção e expansão da criminalidade.

Estratégias governamentais no sentido de modificar as estruturas policiais, atualizar o sistema jurídico e policial, promover a participação cidadã em programas de prevenção são medidas importantes na luta contra a criminalidade, mas uma estratégia integral contra a delinqüência deve basear-se não apenas em um bom diagnóstico das deficiências nas

estruturas institucionais e em um levantamento dos números da criminalidade, mas também nos problemas sociais e na realidade das regiões específicas. Acreditamos que este estudo contribuirá para uma melhor compreensão da realidade de nossa área de estudo, das suas mudanças e da percepção de seus habitantes sobre seus principais problemas.

Macaé tem dado lugar à proliferação de organizações criminosas que têm realizado, nesta área, atividades ilícitas, cada vez mais relacionadas ao tráfico de drogas. Enquanto conhecemos melhor as falhas do sistema policial, o contexto da criminalidade numa determinada região e sua realidade social, identificaremos melhor seus problemas, suas causas e efeitos.

O desenvolvimento é importante e necessário, mas gera alguns impasses no local onde é implementado. É importante que esse desenvolvimento seja planejado e que haja um investimento compatível em termos de infra-estrutura, para que o espaço e a população não sejam afetados de forma negativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

I – Periódicos

Jornal O Debate (1998-2002)
Jornal O Globo (15-06-2003)
Revista Isto é (nº 1757, 04-06-2003)

II – Livros, Artigos, Relatórios e Anuários

BEAUJEU-GARNIER, Jacqueline. “Geografia Urbana”. Fundação Calouste Gulbenkian: Lisboa, 1980.

BOSCHI, Renato Raul (org.). “Violência e Cidade”. Série Debates Urbanos 2. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

BOURDIN, Alain. “A questão local”; trad. de Orlando dos Santos Reis. Rio de Janeiro: DP&A, 2001

BRESCIANI, Maria Stella M. “Londres e Paris no século XIX: O espetáculo da pobreza”. 7ª ed. Coleção Tudo é história. São Paulo: Editora Brasiliense, 1992.

BURKE, Peter. “Violência urbana e civilização”. In: OLIVEIRA, Nilson Vieira (org.) Insegurança Pública: Reflexões sobre a criminalidade e a violência urbana. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

BUVINIC, Mayra & **MORRISON**, Andrew. “Basic Facts About Violence”. Sustainable Development Department, BID, Nota Técnica 1, 1999.

CENTRO DE INFORMAÇÕES E DADOS DO RIO DE JANEIRO, Anuário Estatístico do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: CIDE, 2001.

CEPEMAR. Estudo de Impacto Ambiental - EIA. Atividade de Produção de Óleo e Gás no Campo Marlim Sul. Bacia de Campos. Vol. I/I. Mar./2000.

CERQUEIRA FILHO, Gisálio e **NEDER,** Gizlene. Violência e Conciliação no dia-a-dia. Porto Alegre: Sérgio Fabris, 1987.

DURKHEIM, Émile. “Da Divisão do Trabalho Social”. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. “Violência Urbana”. In: Drama Social: Anais do seminário/diversos autores. Rio de Janeiro, 1999.

GUTBERLET, Jutta. “Desenvolvimento Desigual: Impasses Para a Sustentabilidade”. Fundação Konrad-Adenauer-Stiftung. São Paulo: Centro de Estudos, 1998, nº 14.

LEVIN, Jack. “Estatística Aplicada a Ciências Humanas”. São Paulo: Editora Harbra, 1987, 2ª ed.

LONDOÑO, Juan Luis & **GUERRERO,** Rodrigo. “Violencia en América Latina. Epidemiologia y Costos”. In: Asalto ao Desenvolvimento. BID: Washington, 2000.

MARICATO, Ermínia. “Brasil, cidades. Alternativas para a crise urbana”. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

MISSE, Michel. Crime e Pobreza: Velhos enfoques, novos problemas. In: **GONÇALVES,** M. A. e **VILLAS-BOAS,** G. (orgs.). O Brasil na Virada do Século. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

NETO, P. M. “Crime, violência e incerteza política no Brasil”. In: Cadernos Adenauer II (2001), nº 1. A Violência do Cotidiano. São Paulo: Fundação Konrad Adenauer, março de 2001.

PERALVA, Angelina. “Violência e democracia: o paradoxo brasileiro”. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

SAPORI, Luís Flávio & **WANDERLEY**, Cláudio Burian. “A Relação entre o Desemprego e a Violência na Sociedade Brasileira: Entre o Mito e a Realidade”. In: Cadernos Adenauer II (2001), nº 1. A Violência do Cotidiano. São Paulo: Fundação Konrad Adenauer, março de 2001.

SCHWARTZMAN, Simon. “Desenvolvimento Social E Qualidade De Vida: Algumas Perspectivas De Pesquisa”. Fortaleza: Revista de Ciências Sociais, 1974; pp. 101-111.

TEIXEIRA, Ib. “A Violência sem retoque. A alarmante contabilidade da violência”. Rio de Janeiro: UniverCidade, 2002.

TRIBUNAL DE CONTAS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Secretaria-Geral de Planejamento. Estudo Sócio-Econômico 1991-2001, Macaé. Outubro de 2002.

VELHO, Gilberto. “Violência, reciprocidade e desigualdade: uma perspectiva antropológica. In: VELHO, Gilberto & ALVITO, Marcos. Cidadania e Violência. Rio de Janeiro: Editora UFRJ-FGV, 2000.

ZAFFARONI, Eugênio Raúl. “Globalização e sistema penal na América Latina: da segurança nacional à urbana”. In: Revista Discursos Sediciosos. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1997

ZALUAR, Alba. “A globalização do crime e os limites da explicação local”. In: VELHO, Gilberto & ALVITO, Marcos. Cidadania e Violência. Rio de Janeiro: Editora UFRJ-FGV, 2000.

III –Internet

CENTRO DE ESTUDOS DE SEGURANÇA E CIDADANIA. *www.cesec.ucam.br.*
Dezembro de 2003.

GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. *www.novapolicia.rj.gov.br.* Agosto
de 2003.

OBSERVATÓRIO SÓCIO-ECONÔMICO DA REGIÃO NORTE FLUMINENSE.
www.cefetcampos.br. Agosto de 2003.